

ANNO 1°

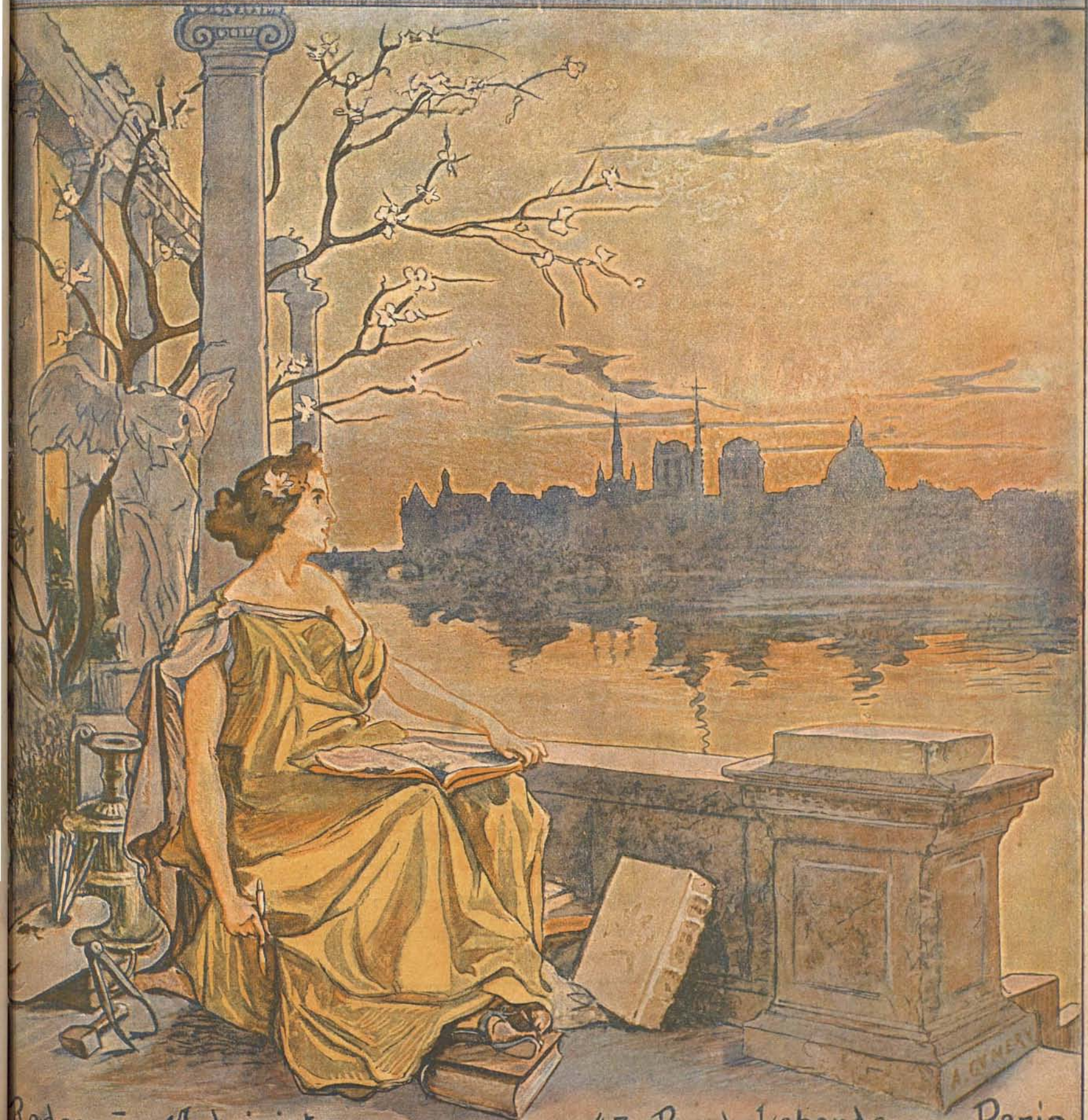
20 de Outubro de 1897

NUMERO 8.

# REVISTA MODERNA

Publicação Quinzenal Ilustrada

Director - M. Bolelho.



Redacção e Administração

48 Rue de Laborde

Paris

MAPLE e CIA

Tottenham Court Road  
LONDRES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO  
MAPLE - LONDRES



MAPLE e CIA

Rua Boudreau (Perto da Opera)  
PARIS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO  
MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha

## O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

LISTA dos principaes Hoteis, Bancos, Clubs e Grandes Repartições Publicas na Europa e America mobiliadas pela casa MAPLE e Cia.

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>Élysée Palace Hotel, Avenue des Champs-Élysées, Paris</li> <li>Turf Club, Lisbonne</li> <li>The Grand Hotel, Trafalgar Square</li> <li>» Hotel Métropole, Monte-Carlo</li> <li>» Hotel Métropole, Cannes</li> <li>» Cavalry Club, Piccadilly</li> <li>» New Traveller's Club, Piccadilly</li> <li>» Imperial Hotel, Bournemouth</li> <li>» Knowle Hotel, Sidmouth</li> <li>» Prince of Wales Hotel, Holyhead</li> <li>» St. Stephen's Club, Westminster</li> <li>» Junior Constitutional Club, Piccadilly</li> <li>» Great Northern Hotel, King's Cross</li> <li>» Euston and Victoria Hotels, Euston Square</li> <li>» Turf Club, Piccadilly</li> <li>» Brighton New Club, Brighton</li> <li>» Stirling County Club, Stirling</li> <li>» Racquet Club, Liverpool</li> <li>» Cliftonville Hotel, Margate (part refurnishing)</li> <li>» Royal Forest Hotel, Chingford</li> <li>» Buckingham Palace Hotel, S. W. (new wing)</li> <li>» Volkeraad, Pretoria</li> <li>» Royal Hotel, South Shields</li> <li>» Royal Holloway College, Virginia Water</li> <li>» Hotel Cap Martin, Mentone</li> <li>» Riviera Palace Hotel, Cimiez</li> <li>» Bosphorus Summer Palace Hotel and Club, Therapia</li> <li>» British Club, Paris</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>The Kimberley Club, Kimberley</li> <li>» Hotel Burlington, Sunny Boscombe</li> <li>» First Avenue Hotel, Holborn</li> <li>» Constitutional Club, Northumberland Avenue</li> <li>» Government House, Simla</li> <li>» Burlington Hotel, Old Burlington Street</li> <li>» Hotel Victoria, Northumberland Avenue</li> <li>» Royal Station Hotel, Hull (for North Eastern railway)</li> <li>» Great Eastern Hotel, Parkstone</li> <li>» Grand Hotel, Brighton (new bedroom wings)</li> <li>» Liverpool Club, Liverpool</li> <li>» Victoria Club, Jersey</li> <li>» West Cumberland Club, Whitehaven</li> <li>» Malvern House Hydropathic Establishment, Buxton</li> <li>» Charing Cross Hotel, new wing (50 bedrooms)</li> <li>» Jockey Club, Newmarket</li> <li>» Devonshire Park Pavilion, Eastbourne</li> <li>» Crewe Hotel, Crewe, for L. &amp; N. W. Ry. Co.</li> <li>» Devonshire Park Theatre, Eastbourne</li> <li>» Limmer's Hotel, Hanover Square</li> <li>» The Pump House Hotel, Llandrindod Wells</li> <li>» Sackville Hotel, Bexhill-on-Sea</li> <li>» Plough Hotel, Northampton</li> <li>» Grand Hotel, Peterborough</li> <li>» Grand Atlantic Hotel, Weston-Super-Mare</li> <li>» Grand Hotel, Jersey</li> <li>» Grand Hotel, Lowestoft</li> <li>» Esplanade Hotel, Seaford</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>The Coburg Hotel, Grosvenor Square</li> <li>» Hotel Métropole, London</li> <li>» Hotel Métropole, Brighton</li> <li>» Great Eastern Hotel, Liverpool Street</li> <li>» Savoy Hotel, Victoria Embankment</li> <li>Le Cercle d'Orient, Pera</li> <li>Le Cercle, Smyrna</li> <li>Le Cercle Khedival, Alexandria</li> <li>Le Cercle Bilbao, Spain</li> <li>Le Cercle de Residentes Étrangères, Rosario</li> <li>The Hellenic Club, Smyrna</li> <li>» Hotel St. George, Mustapha Superior</li> <li>» Station Hotel, York (for North Eastern Railway Company)</li> <li>» Queen's Hotel, Birmingham</li> <li>» County Hotel, Newcastle</li> <li>» Grand Hotel, Northampton</li> <li>» Burlington Hotel, Eastbourne</li> <li>» Park Hotel, Preston</li> <li>» Hotel Carol I<sup>er</sup>, Kustendjie, Roumania</li> <li>» Senate House, Buenos Ayres</li> <li>» Central Station Hotel, Glasgow</li> <li>» Royal London Yacht Club, Cowes</li> <li>» Royal Spithead Hotel, Isle of Wight</li> <li>» L. &amp; N. W. Railway Hotel, North Wall, Dublin</li> <li>» Avenida Palace Hotel, Lisbon.</li> <li>» Eatsbourne Hydropathic Establishment, Eastbourne</li> <li>» Buxton Hydropathic Establishment, Buxton</li> </ul> |
|---|--|--|

Vêr o annuncio na quarta capa, lado exterior

Devido ás grandes despesas que a *Revista Moderna* é forçada a saldar mensalmente, pedimos a todos os nossos assignantes o obsequio de pagarem as suas assignaturas no acto da subscrição.

### AGENCIA GERAL EM PORTUGAL

A direcção da *Revista Moderna* tem o prazer de communicar aos seus estimados leitores que a importante casa editora de

**ANTONIO-MARIA PEREIRA**

aceitou para o futuro a representação da nossa *Revista* em Portugal. Todas as communicações relativas ao movimento administrativo da *Revista Moderna* n'esse paiz devem pois ser dirigidas ao

**NOSSO UNICO AGENTE O SNR**

**ANTONIO-MARIA PEREIRA**

**Livreiro-Editor, 50-54, rua Augusta, Lisboa**

A excellente reputação d'esta casa-editora é mais uma garantia para os nossos assignantes e leitores da regularidade e boa execução do nosso serviço.

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um **CORREIO ILLUSTRADO** creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na *REVISTA MODERNA*, incumbe ao seu respectivo autor.

# REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde. PARIZ.

## A NOSSA COLLABORAÇÃO

A *Revista Moderna*, para corresponder ao brilhante acolho que lhe tem sido feito no Brazil e em Portugal, não tem poupado esforços nem despezas. Em torno do glorioso nome de **Eça de Queiroz**, a *Revista* tem procurado grupar todos os nomes que nos dois paizes, são preeminentes nas letras...

## EÇA DE QUEIROZ.

O nosso numero de 20 DE NOVEMBRO, que começará a publicar A **ILLUSTRE CASA DE RAMIRES** será exclusivamente consagrado ao grande escriptor portuguez.

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS.

*Revista Illustrada*. — Interessante e velho semanario humoristico que se publica no Rio de Janeiro. Os numeros de Setembro tratam com bastante verve dos ultimos acontecimentos politicos do Brazil.

Recebendo constantemente do Brazil artigos tratando de politica partidaria, bem como retratos e illustrações concernentes aos mesmos assumptos, declaro mais uma vez que a « **REVISTA MODERNA** » sendo exclusivamente litteraria e artistica, não póde nem quer admittir nas suas columnas a menor ingerencia politica.

M. BOTELHO.

occupam um dos primeiros logares na litteratura contemporanea.

Para seu agente litterario em Portugal escolheu a *Revista Moderna*,

### ALFREDO DE MESQUITA

O conhecido author da *Vida Airada*, um talento novo e vigoroso manejando a phrase com uma graça e uma originalidade incomparaveis.

Todos os mezes publicará a *Revista Moderna*, uma chronica illustrada tratando de assumptos portuguezes. Essa chronica que virá acompanhada de photographias instantaneas é firmada por

### ARNALDO DA FONSECA.

que ás qualidades apreciaveis de um fino litterato, junta a habilidade rara de um photographo de primeira ordem.

## O NOSSO PROXIMO NUMERO.

A *Revista Moderna* publicará no seu proximo e NONO numero um bellissimo conto inedito do apreciado escriptor portuguez **Trindade Coelho**.

Dará tambem um artistico retrato do grande escriptor brasileiro **Machado de Assis**, acompanhado da sua biographia, por **MAGALHÃES DE AZEREDO**.

Inauguramos, igualmente, no proximo numero um **SUPPLEMENTO MENSAL DE MODAS**, contendo **Quatro Paginas de Gravuras**, reproduzindo os ultimos modelos lançados pelas principaes casas de Pariz. Resolvendo a publicação d'esse Supplemento mensal, em attenção aos constantes pedidos das nossas leitoras, não poupamos sacrificios nem despezas, esperando que o mesmo obtenha o successo desejado.

*Le Brésil*, semanario redigido em francez, é, como elle se intitula, um verdadeiro correio da America do Sul.

## MAPLE ET COMP<sup>a</sup>.

Chamamos a attenção dos nossos leitores da Europa e do Brazil para o annuncio que faz na nossa Revista a grande e importantissima casa de moveis inglezes de Maple e Comp<sup>a</sup>. Essa poderosa empreza, que possui em Londres, em Tottehnam Court Road, um dos mais grandiosos e mais bellos estabelecimentos, acaba de fundar em Pariz uma succursal de primeira ordem, sita á rua Boudreau, perto da Opera. A casa de Pariz, objecto das visitas constantes da melhor sociedade franceza e estrangeira, expõe nas suas vastas salas, completas colleções de moveis do mais puro gosto e do mais confortavel e elegante estylo.

**MAPLE e CIA**

Tottenham Court Road  
**LONDRES**

ENDEREÇO TELEGRAPHICO  
MAPLE - LONDRES



**MAPLE e CIA**

Rua Boudreau (Perto da Opera)  
**PARIS**

ENDEREÇO TELEGRAPHICO  
MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha

**O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO**

LISTA dos principaes *Hoteis, Bancos, Clubs e Grandes Repartições Publicas na Europa e America* mobiliadas pela casa **MAPLE e Cia.**

Élysée Palace Hotel, Avenue des Champs-Élysées, Paris  
Tart Club, Lisbonne  
The Grand Hotel, Trafalgar Square  
» Hotel Métropole, Monte-Carlo  
» Hotel Métropole, Cannes  
» Cavalry Club, Piccadilly

The Kimberley Club, Kimberley  
» Hotel Burlington, Sunny Boscombe  
» First Avenue Hotel, Holborn  
» Constitutional Club, Northumberland Avenue  
» Government House, Simla  
» Burlington Hotel, Old Burlington Street  
» Hotel Victoria, Northumberland Avenue

The Coburg Hotel, Grosvenor Square  
» Hotel Métropole, London  
» Hotel Métropole, Brighton  
» Great Eastern Hotel, Liverpool Street  
» Savoy Hotel, Victoria Embankment  
Le Cercle d'Orient, Pera  
La Casca, Smyrna

assignaturas no acto da subscripção.

**AGENCIA GERAL EM PORTUGAL**

A direcção da **Revista Moderna** tem o prazer de comunicar aos seus estimados leitores que a importante casa editora de

**ANTONIO-MARIA PEREIRA**

aceitou para o futuro a representação da nossa **Revista em Portugal**. Todas as communicações relativas ao movimento administrativo da **Revista Moderna** n'esse paiz devem pois ser dirigidas ao

**NOSSO UNICO AGENTE O SNR**

**ANTONIO-MARIA PEREIRA**

**Livreiro-Editor, 50-54, rua Augusta, Lisboa**

A excellente reputação d'esta casa-editora é mais uma garantia para os nossos assignantes e leitores da regularidade e boa execução do nosso serviço.

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um **CORREIO ILLUSTRADO** creado exclusivamente para o **Brazil** e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.  
**A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, Incumbe ao seu respectivo autor.**

# REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde. PARIZ.

## A NOSSA COLLABORAÇÃO

A *Revista Moderna*, para corresponder ao brilhante acolho que lhe tem sido feito no Brazil e em Portugal, não tem poupado esforços nem despesas. Em torno do glorioso nome de **Eça de Queiroz**, a *Revista* tem procurado grupar todos os nomes que nos dois paizes, são proeminentes nas letras ou nas artes.

À lista, já hoje grande, dos nossos colaboradores veio agora juntar-se o nome prestigioso e sympathico de um dos mais notaveis e originaes escriptores portuguezes, de um estylista incomparavel :

### FIALHO D'ALMEIDA

A *Revista Moderna*, felicita-se de ter obtido a preciosa collaboração d'este escriptor de quem muito proximamente publicará paginas ineditas.

Já no proximo numero a *Revista Moderna* publicará um conto de

### TRINDADE COELHO

um artista de raça e escriptor poderoso, cujas novellas tão finamente observadas e tão caracteristicamente portuguezas, occupam um dos primeiros logares na litteratura contemporanea.

Para seu agente litterario em Portugal escolheu a *Revista Moderna*,

### ALFREDO DE MESQUITA

O conhecido author da *Vida Airada*, um talento novo e vigoroso manejando a phrase com uma graça e uma originalidade incomparaveis.

Todos os mezes publicará a *Revista Moderna*, uma chronica illustrada tratando de assumptos portuguezes. Essa chronica que virá acompanhada de photographias instantaneas é firmada por

### ARNALDO DA FONSECA.

que ás qualidades apreciaveis de um fino litterato, junta a habilidade rara de um photographo de primeira ordem.

## EÇA DE QUEIROZ.

O nosso numero de 20 DE NOVEMBRO, que começará a publicar **A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES** será exclusivamente consagrado ao grande escriptor portuguez.

N'esse numero—a par de uma collaboração escolhida e firmada pelos primeiros nomes da litteratura portugueza contemporanea—daremos interessantes documentos illustrados sobre a vida litteraria e intima de **EÇA DE QUEIROZ : AUTHOGRAPHOS, RETRATOS, PHOTOGRAPHIAS**, etc., etc.

Este numero da **REVISTA MODERNA**, que corresponde ao desejo tantas vezes manifestado pelos nossos leitores de possuirem retratos de **EÇA DE QUEIROZ** e que é ao mesmo tempo uma homenagem da **REVISTA MODERNA** ao seu dedicado e eminente collaborador apparecerá a 20 de Novembro.

## O NOSSO PROXIMO NUMERO.

A *Revista Moderna* publicará no seu proximo e NONO numero um bellissimo conto inedito do apreciado escriptor portuguez **Trindade Coelho**.

Dará tambem um artistico retrato do grande escriptor brasileiro **Machado de Assis**, acompanhado da sua biographia, por **MAGALHÃES DE AZEREDO**.

Inauguramos, igualmente, no proximo numero um **SUPPLEMENTO MENSAL DE MODAS**, contendo **Quatro Paginas de Gravuras**, reproduzindo os ultimos modelos lançados pelas principaes casas de Pariz. Resolvendo a publicação d'esse Supplemento mensal, em attenção aos constantes pedidos das nossas leitoras, não poupamos sacrificios nem despesas, esperando que o mesmo obtenha o successo desejado.

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS.

*Revista Illustrada*. — Interessante e velho semanario humoristico que se publica no Rio de Janeiro. Os numeros de Setembro tratam com bastante verve dos ultimos acontecimentos politicos do Brazil.

*Revue Illustrée*. — Editores **Ludovic Baschet**, 12, rue de l'Abbaye, Pariz. — O numero de 1 de Outubro d'essa artistica e completa publicação quinzenal, dá em magnificas gravuras as ultimas impressões da viagem do Sr **Félix Faure á Russia**.

*Revue du Brésil*. — 56, Rue Saint-Georges, Pariz, Director : **A. D'Atri**. O ultimo numero d'essa interessante e variada illustração dá o retrato do Ministro do Brazil em Bruxellas e diversas gravuras dos mais pittorescos logares do Brazil. O texto brilhantemente redigido trata n'uma grande variedade de linguas uma grande variedade de assumptos.

*Le Brésil*. — 19, Boulevard Montmartre, Pariz. — O ultimo numero d'este bem informado jornal, vem como sempre muito curioso e documentado. *Le Brésil*, semanario redigido em francez, é, como elle se intitula, um verdadeiro correio da America do Sul.

## MAPLE ET COMP<sup>a</sup>.

Chamamos a attenção dos nossos leitores da Europa e do Brazil para o annuncio que faz na nossa Revista a grande e importantissima casa de moveis inglezes de **Maple e Comp<sup>a</sup>**. Essa poderosa empreza, que possui em Londres, em Tottelnam Court Road, um dos mais grandiosos e mais bellos estabelecimentos, acaba de fundar em Pariz uma succursal de primeira ordem, sita á rua Boudreau, perto da Opera. A casa de Pariz, objecto das visitas constantes da melhor sociedade franceza e estrangeira, expõe nas suas vastas salas, completas colleções de moveis do mais puro gosto e do mais confortavel e elegante estylo.

# Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL  
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA  
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

### BRAZIL

Um anno. . . . . 50\$000  
6 mezes. . . . . 30\$000  
Numero avulso. . . . 2\$500

### FRANÇA

e outros paizes da União Postal.

Um anno . . . . . 40 francos  
6 mezes . . . . . 24 »  
Numero avulso. . . . 2 »

### PORTUGAL

Um anno . . . . . 10\$000  
6 mezes . . . . . 5\$500  
Numero avulso. . . . 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTES CASAS.

### BRAZIL

Rio de Janeiro . . . . .  
São Paulo. . . . .  
Pernambuco. . . . .  
Pará . . . . .  
Pelotas . . . . .  
Santos . . . . .  
Campinas . . . . .  
Ceará . . . . .

LAEMMERT E C<sup>ia</sup>,  
CASA GARRAUX,  
LAEMMERT E C<sup>ia</sup>,  
LIVRARIA COMMERCIAL,  
CARLOS PINTO E C<sup>ia</sup>,  
WEINMANN ET C<sup>ia</sup>,  
LIVRARIA ESCOLAR,  
ALFREDO GENOUX,  
JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.

Rua do Ouvidor.  
Rua de 15 Novembro.  
Rua Marquez de Olinda.  
Rua João Alfredo.

### UNICA AGENCIA EM PORTUGAL

LIVRARIA PEREIRA — 50-54, Rua Augusta, Lisboa

### PARIZ

Escriptorio e Administração

48, rue de Laborde

LIBRAIRIE NOUVELLE

Boulevard des Italiens

### LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C<sup>ia</sup>

11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

No seu numero de 20 de Novembro, a REVISTA MODERNA começará a publicação do grande romance, inédito, de EÇA DE QUEIROZ :

## A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PADRE AMARO, dos MAIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

## A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

POR

## EÇA DE QUEIROZ

será artistica e profusamente illustrada pelo grande artista

CASANOVA

# CHRONICA

## Encyclica Poética (\*)

Nosso Santo Padre Leão XIII, acatando, como bom Pontifice e cuidadoso colono do Lacio, os preceitos venerandos de Collumella e Varro, começou, nas Kalendas de Septembro, por um tempo muito claro e muito doce, a vindimar com amor a vinha do Vaticano. No Vaticano ha uma frondosa vinha... Nem ella podia faltar na morada do Papa, pois que Jesus, na noite da Ceia, recordando os vergeis e as parreiras de Corazim e Cesarêa, e os cachos maduros a que os vindimadores espremiam o succo, como sangue generoso, destinado a levantar os corações dos homens, murmurou triste e pensativamente : — « Eu sou a vinha e meu Pae é o vinhateiro!... » De resto, desde os tempos vetustos da Roma dos Reis, sempre a vide rastejou ou se enroscou ao olmo sobre a collina do Vaticano. Mas, ou por causa da insalubridade d'esses ares pesados do *Mons Vaticanus* que já Tacito accusava, ou por causa da escassez do sólo duro que desconsolava Cicero — o vinho da collina era tão delgado e rascante que Marcial, superfino conhecedor, o considerava uma peçonha, e, no Livro VI dos Epigrammas, grita assustado ao seu amigo Ammiano que erguia a taça : — « *Vaticana bibis? bibis venenum!* Bebes vinho do Vaticano — bebes veneno! » Sob a vigilancia, porem, dos Papas sumptuosos como Innocencio VIII, e Leão X, e Alexandre VI, e Julio II, essa vinha pontifical, tratada pelos dictames do saber renascido, acabou por produzir um vinho tão seivoso e perfumado que os Borgias, os Caraffas, os Farnezos, o preferiam ao de Chypre, e mesmo ao de Syracusa, para administrar aquelles venenos d'Estado tão proveitosos, durante a Renascença, á supremacia, opulencia e magestade das grandes familias papaes. Hoje essa vinha, decahida da sua importancia tragica, honesta e fraca como o Papado, dá dez pipas d'um vinho tambem decahido, claro e palhete, que o Vaticano bebe e reparte com os Hospicios de Roma.

Antes, porem, de começar a sua vindima, Nosso Santo Padre Leão XIII, tão benefico para os nossos corpos como para as nossas almas, desejou ensinar aos seus filhos espirituaes o avisado regimen que melhor conserva a saúde, robustece a força,

torna o espirito subtil e livre, e conduz a uma velhice verdejante... E ainda n'este cuidado observou elle, como puro Papa romano, a tradiçào ritual de Roma — por que, sempre outr'ora no Lacio, em manhã de vindimas, um Grande Pontifice, o Flamen-Dialis, cercado pelo Collegio Pontifical, com o ramo de oliveira na mitra branca, descia ás vinhas, e antes de immolar a ovelha a Jupiter, de pisar uns bagos na taça sagrada para offertar aos Deuses as primicias do vinho novo, recitava paternalmente algumas das antiquissimas maximas do tempo de Numa, em que se aconselhava a sobriedade, as serenias e faceis alegrias, a aceiada singelleza, e esse desdem dos marmores, dos vasos de Corintho, dos acepipes raros, que dera tão doce quietação aos Sabinos e tornara a Etruria tão forte... Para nos penetrar d'essa fecunda lição o Papa empregou tambem o verso latino com aquella elegancia limpida, ainda que um pouco molle, que o tornaria merecedor de pontificar, senão nos tempos d'Ovidio, ao menos nos tempos d'Ausonio. E com tão sabia minuciosidade tratou, n'estes hexametros copiosos, dos aprestos da mesa, e da escolha attenta dos vinhos na adega, e da excellencia da gallinha e do anho, e da preparação prudente dos ovos, e dos legumes onde deve sobresahir a « couve saborosa », e da sobre-mesa onde cumpre que resplandeça a « maçã rubicunda » — que essa dissertação, ainda que sob a fórma de Epistola, e dedicada a um certo Fabricius Rufus, patricio Romano, constitue realmente, para todos os Catholicos, uma *Encyclica poetica sobre a Alimentação Christã*. De certo ella não foi metrificada em Concilio Ecumenico, sob o bafó e a inspiração do Santo-Espirito, e não a reveste portanto o scello sagrado da Infallibilidade Papal. Mas todas as recommendações que emanam do Papa, mesmo familiares, e murmuradas sobre o prato, possuem inevitavelmente um cunho de certeza, pois que foram elaboradas n'aquelle espirito, que, unico entre todos os espiritos, não póde vacillar nem errar. A agua d'uma fonte não muda na sua pureza e efficacia segundo foi recolhida em vasos santos, com pausados ritos, por um grande Bispo para baptisar um rei Sicambo —

(\*) Reprodução interdita em Portugal e Brazil.

ou por uma velha, de touca e tamancos, n'uma chaleira, para ferver o chá d'um herege. E nós mortaes confusos, atarantadamente enrodilhados na duvida, temos fatalmente de venerar, e soffre-gamente seguir, como dogmas, os conselhos do unico mortal, que, n'este mundo de incerteza e obscuridade, permanece seguro e lucido. Ainda mesmo sob a sua fôrma risonha, e destinada a deleitar nos Elyseos a alma douta de Fabricius Rufus, esta Epistola do Santo Padre baixa pois sobre todos os catholicos com a força e a authoridade d'um Mandamento.

E foi por isso que, com respeitosa magoa, encontramos n'este polido Mandamento, de tão esbelta latinidade, uma doutrina que desmente toda a sublime experiencia da Vida Evangelica, e se colloca em mundano antagonismo com a seraphica historia dos Doutores e dos Santos. E tanto que, na primeira surpresa, julgámos ser essa uma Epistola inedita d'Horacio, composta pelo delicioso e impenitente pagão, mestre persuasivo da Mediania ditosa, n'uma tarde de Maio, entre as roseiras de Preneste, em quanto Chloë coroadada de violetas arrefecia na fonte os cantaros dos dous divinos vinhos misturados, o Faustiano e o Massico! Mas não! O sapiente Poema Gastronomico fôra trabalhado pelo herdeiro de Pedro, dentro da atormentada barca de Pedro!

Deslizemos sem reparo sobre os primeiros versos da Epistola, em que Leão XIII, com o seu fino e amoravel sorriso, estende sobre a mesa a toalha que elle deseja muito fina, muito alva, ornada d'alguma prata. A limpeza, apesar de esquecida no Cathecismo, é na realidade a Quarta Virtude Theological. Santo Agostinho, na sua casa de Hippona, mantinha um aceio estremado — e, sob os olhos consentidores de sua mãe Santa Monica, comia com colheres de prata. Oh! bem sei! a alma de Santo Agostinho era uma açucena christã, com as raizes ainda mergulhadas no torrão da idolatria, e por vezes emballada e até perturbada por aragens muito doces que sopravam da Sicilia e da Grande Grecia, acarretando o aroma das essencias queimadas nos altares de Aphrodite! S. Thomaz de Villeneuve, porem, rigido santo esse, limpo de toda a poeira pagã, possuia um saleiro de prata — pequeno, leve, sem valor, mas de prata! O ardente S. Remigio era tambem o proprietario timido d'uma colher de prata — unica, lisa, sem labores, mas de prata, e com que elle comia as suaservas nos grandes dias, como quando converteu Clovis, rei dos Francos. Tão excelsos precedentes de Bispos e Doutores auctorizam santamente o Santo Padre em aconselhar que, na mesa muito vistosa que nos offerece, o aceio dos puros linhos seja avivado com o brilho d'algum metal precioso.

Mas, logo posta a mesa, o bem-amado Pontifice contraria toda a experiencia da Historia Ecclesiastica, recommendando, com jocundo zelo, que se subam da adega os vinhos mais finos e frescos « pois que elles espalham a alegria na alma e a libertam do escuro cuidado »! Não,

Santissimo Padre! Toda a rutilante legião dos Santos, Bispos nas cidades ou Eremitas no deserto, protesta, mostrando os *Acta Sanctorum*, contra o vosso preceito Horaciano. S. João Chrysostomo, o esforçado Santo Eloy, S. Pedro Damiano que purificou a Christandade, S. Lião que com o seu cajado repellio das portas de Roma as hordas d'Attila, tantos ainda, innumeraveis como as estrelas, e como ellas rebrilhantes de claridade immanente, nunca beberam vinho! Se S. Polycrono, ás vezes, á noite, sorvia de leve meio calice, era com choroso sacrificio, para se libertar das gastralgias que o impediam de arrebanhar robustamente para Christo o duro e resistente povo da sua Sé de Babylonia. Mas S. Thiago nunca percebeu sequer que verdejassem vinhas sobre a terra! E S. Romualdo collocava deante da sua gruta um jarro de vinho velho de Chio para o escarnecer, como liquor grotesco que leva aos esgares, aos passos cambaleantes, aos dizeres asininos e babados... A clara bebida d'estes justos foi a agua! E alguns só a aceitavam quando ella se tornara bem morna e salobra. S. Porphyrio expunha a sua bilha ao sol, á poeira dos caminhos, á bavage dos bichos, para que ella se corrompesse, e, assim impura, ficasse propria da sua impureza. Santa Catharina de Genova entornava no seu pucaro vinagre e sal — para não beber menos amargamente do que Jesus bebera no Calvario. E esta mesma agua, estragada com amor, só a provavam aos goles, não para contentar, mas para exasperar a sede, e produzir o precioso soffrimento donde sahiria o precioso resgate. Durante os oito derradeiros annos da sua espantosa vida S. Lupicino não bebeu: e no ardor dos estios, entre os rochedos abrasados onde escolhera a sua cóva, mergulhava as mãos n'um balde d'agua lodosa para calmar a pelle que lhe estalava, encarquilhada, como um pergaminho sobre o lume. S. Lupicino não bebeu durante oito annos — mas Santo Alberto não bebeu durante vinte, e a sua cabana dominava um valle todo cortado de frios regatos, saltando de rochas claras.

E onde houve, santissimo Padre, robustezes magnificas e almas lavadas de cuidados, que se comparem ás d'estes ditosos? S. Zebino, aos oitenta e seis annos, caminhava carregado de grossas cadeias de ferro, enrodilhadas no peito e nos braços, e arrastando, com tal peso e fragor, que atroavam as solidões de Sceté. S. Nilo vivia, e muito gostosamente, com o pescoço mettido n'uma canga immensa, feita de grossos tóros d'arvores. A força d'estes santos, que apenas se desalteravam, como as feras dos seus desertos, no fio barrento d'algum regato avaro, excedeu a dos heroes de Homero, que jantavam um boi, despejavam um tunel, e morriam moços. Solitarios houve que, importunados d'um modo excessivo por Satanaz, lhe arremessavam aos cornos um penhasco ou a columna tombada d'uma vasta ruina. E a alegria d'estes simples era tão perfeita, tão transparente a quietação dos seus corações, que só o contemplar o translucido lampejo dos seus olhos



sumidos nas rugas, ou o riso ineffavel das suas velhissimas boccas desdentadas, curava as maiores melancolias humanas. Em Alexandria, todos os atormentados, todos os doloridos d'alma, os Philosophos que na Philosophia não encontravam repouso, os Voluptuosos que na Voluptuosidade só recolhiam a amargura, emprehendiam a dura jornada ao monte Colzin para considerar durante momentos, como um vasto céu de serenidade, d'onde a serenidade descia, a face de Santo Antão...

Mas se nosso Santo Padre, no carinhoso desejo de nos ser indulgente, se esqueceu da influencia da agua sobre o corpo a quem communica a sua elasticidade e sobre o espirito que penetra da sua limpidez — como perpassou ainda sem proveito por sobre a ensinadora Historia dos Santos, quando, para a mesa do seu dilecto Rufus, a fim de que elle cresça em energia d'entendimento e rija actividade de corpo, recommenda a vacca, a gallinha e a vitella?... Gallinha e vitella! Ah! Ah!... Gallinha e vitella! Mas os mais resolutos e diligentes Santos nunca provaram d'esses pratos, que lhes pareceriam de culpada, escandalosa gula! Os solitarios só comiam pão, aquelle duro bolo chato, do tamanho da roda d'um carro sabino, que cada mez, pela lua nova, os serventes dos mosteiros da Thebaida traziam em enormes ceirões, nas ancas dos dromadarios, e repartiam pelos erimiterios, annunciando tambem as novas de Roma e das Sete Igrejas da Asia. S. João Capristano, Santo Ambrosio de Sienna, S. Carlos Borromeu, S. Macario, S. Basilio, viveram d'hervas, de codeas seccas, que alguns salpicavam de cinza, e outros, como S. Lourenço, Arcebispo de Dublin, mergulhavam para mais funda humildade na agua suja dos porcos. Outros desdenhavam soberbamente estas codeas d'Epicuro. Santo Onofrio comeu cem annos d'uma palmeira que crescia junto á sua caverna. Durante quarenta annos um mólho d'hervas, borrifadas de vinagre, bastou ao grande S. Conrado. S. Gezelino, de rastos pelos sombrios bosques de carvalhos, roia as bolotas que apanhava, cantando a magnanimidade do Senhor!

E agora, recordada a aspera abstinencia d'estes homens, recordae as suas obras sublimes! Mais mal alimentados que os bichos das mattas em tempo de neve, elles possuiram uma energia e uma largueza d'actividade, que por vezes, de repente, mudava o feitiço moral do Mundo. Certo alegre esfarrapado, que trincava os agriões do seu jantar conversando com os passarinhos — foi S. Francisco de Assiz! Um monge que só comia, n'uma tigella de pau, a sôpa de folhas de faia por suas magras mãos cozinhada, foi S. Bernardo, em Claraval. E o macilento hespanhol que se nutria d'umas vagas folhas de couve — foi Santo Ignacio de Loyola. S. Mauro, velhissimo, sustentado com tres favas por dia, estendeu á hora de adormecer no Senhor, no seu catre de trapos e cinzas, os descarnados braços, e abençoou os cento e vinte mosteiros de que fôra fundador. E S. Bento, que raramente juntava algumas ervilhas ao seu pão, pode depois, atravez de seculos, no Céu, correr cada

alvorada ás portas do Céu, que se abriam, e se abriam, e se abriam, para receber cinco mil santos, que eram todos da sua Regra!

Mas que valem estas obras do mundo, e pereciveis? Contemplae antes os portentos da Vontade super-humana! S. Romualdo, que escarnecia o vinho, escarnecia a carne — e só consentia em raizes amargas. Pois um dia S. Romualdo, caminhando para a Italia, atravessava os Alpes n'um rude carro, pesadamente puxado por dois bois da Camarga. N'uma volta de cerro parou e desceu, afastando os passos nús atravez da neve densa, para rezar retiradamente no abrigo d'uma gruta. E eis que, ao voltar, encontra os seus bois devorados por dous terrificos ursos, que, por sobre as carnes rasgadas e os ossos, ainda grunhiam, com o focinho babado de sangue! Então S. Romualdo cravou nos ursos um olhar de tão sublime mando, tão radiantemente descido das maiores alturas divinas a que se póde erguer uma alma humana, que as duas feras, com as patas doceis, desatrelaram as carcassas sangrentas dos bois, e a tremmer, submissamente, se engataram á pesada canga... E S. Romualdo, direito no carro, com o capuz aberto, a testa reluzente no reluzir da manhã, penetrou nas planicies da Lombardia puxado por dous grandes ursos.

E tal energia, Santissimo Padre, fôra estimulada com raizes amargas! Mas que vale o raio dardente d'este olhar omnipotente — perante o familiar, facil, distrahido, risonho aceno de S. Macario? Este delicioso santo, quando habitava na margem lybica do Nilo e queria atravessar para a margem arabica, ou descer ás santas cidades de Ptolomaïs e de Antioe, caminhava para a beira da agua, procurava entre o bando de crocodilos que boiavam ou se aqueciam ao sol, algum de dorso bem largo e bem commodo — e risonhamente movia o dedo n'um aceno risonho. Immediatamente o monstro fendia a corrente até á areia liza, onde se arrimava como um barco se arrima a um cáes. S. Macario saltava para o dorso do crocodilo; e sentado, affagando mesmo distrahidamente a grossa crosta rugosa, atravessava ou descia o velho rio, estrada real do Egypto, com a face envolta na luminosa doçura do ar thebano, a alma erguida ás deslumbradoras esperanças do Céu.

Onde existe feito de energia moral, comparavel a este quieto dominio sobre a natureza bravia? Só talvez o feito de governar homens superiores, porque esse demanda certamente uma mais intensa irradiação de força espirital do que atrelar ursos a carros ou navegar sobre crocodilos! Pois bem! Muitos d'estes Santos, que se sustentavam de hervas seccas, mal amollecidas em agua salobra, governavam as grandes « laúras » do Deserto, conventos contendo um povo ardente de monges, dous e tres mil monges, e todos elles tão santos, e ferteis em milagres, e predilectos de Deus como o abbade que os governava! E como louvaremos outros que, quando se construiam essas vastas « laúras » e a pedra faltava para claustros e cellas, desciam á orla do Nilo, a algumas das

poderosas ruínas dos templos pharaonicos, fitavam os muros rigidos, as enormes pilastras cahidas, e murmuravam n'um sopro brando : « Vinde » ! E atraz do Santo, a caminho do mosteiro em construcção, mais doces que anhos, os muros marchavam sulcando o deserto, os pilares logo erguidos seguiam, direitos na aragem, como os mastros de uma armada. Estes eram na verdade homens ! E, só de os nomear, os joelhos se vergam de deslumbrada adoração !

Pois para viverem assim, tão sobrenaturalmente fortes, não se nutriam d'esses ovos, e mel do Hymeto, e galinha, e vitella, e couve saborosa, e pecego rubicundo, e quentes vinhos — que Nosso Santo Padre, com tão meiga solicitude pelos seus filhos em Christo, nos prescreve em lustrosos versos latinos. Ao contrario ! por lhes faltarem os gordos capões e as vitellas tenras e os calidos Falernos que, engordando a carne, pesam na alma, a opprimem, a amollentam, a retardam, a escurecem — é que a alma d'elles reinou sobre o mundo tão rija, liberta, rapidá, clara e triumphadora.

Nem esse confortavel regimen, Santissimo Padre, prolonga a Vida ! Nunca a ephemera vida humana attingio tão descomedidas cifras d'annos, como n'esse Deserto do eterno Jejum ! Um Pontifice de setenta annos passaria ahi por um môço tenro, fragil, inexperiente, incapaz de se livrar dos assaltos, já não do grande Satanaz, mas dos Mafarricos, dos Diabinhos de chavello curto e curta malicia, que apenas sabiam arranhar os pés dos cenobitas, ou entornar as bilhas d'agua, ou metter entre os dentes da caveira da meditação algum gordo chouriço mal fingido e pueril. A edade, madura d'um monge da Thebaida começava aos cem annos. Aos cento e trinta ainda muitos, cada dia, durante doze horas, cavavam, sob o duro sol, o seu duro horto, cantando os Psalmos com tão potente voz que espantava as aguias. Alguns houve de quem se não sabia a edade e apenas se reconheci serem velhos, muito velhos, por já não andarem, apenas engatinharem, com as rugosas mãos sobre as pedras, emmaranhando a cada esforço os joelhos despellados entre as nevadas, immensas barbas. Outros tanto viveram que transpozeram o periodo consciante da Santidade, e recahiram no peccado pelas fraquezas e birras da decrepitude. Assim aquelle extraordinario Santo Aspar, que se não movia, agachado á porta da sua tóca, todo encarquilhadinho, todo mirradinho, e que, quando, com os seus olhinhos sempre curiosos e rebrilhantes, avistava as filas de peregrinos que se avançavam para o admirar, lhes fazia horrendas carantonhas e lhes atirava pedras, assanhado e a baba a escorrer... E estes portentosos velhos nunca conheceram carne, ou galinha, ou vinho, ou a fructa cheirosa, senão quando o negro Tentador lh'as apresentava, em surrateiro e perfido silencio sobre mesas decorosas e aceiadas — extranhamente semelhantes a esta que o Vigario de Christo tão bem ornou e forneceu para gosto e proveito de Fabricius Rufus...

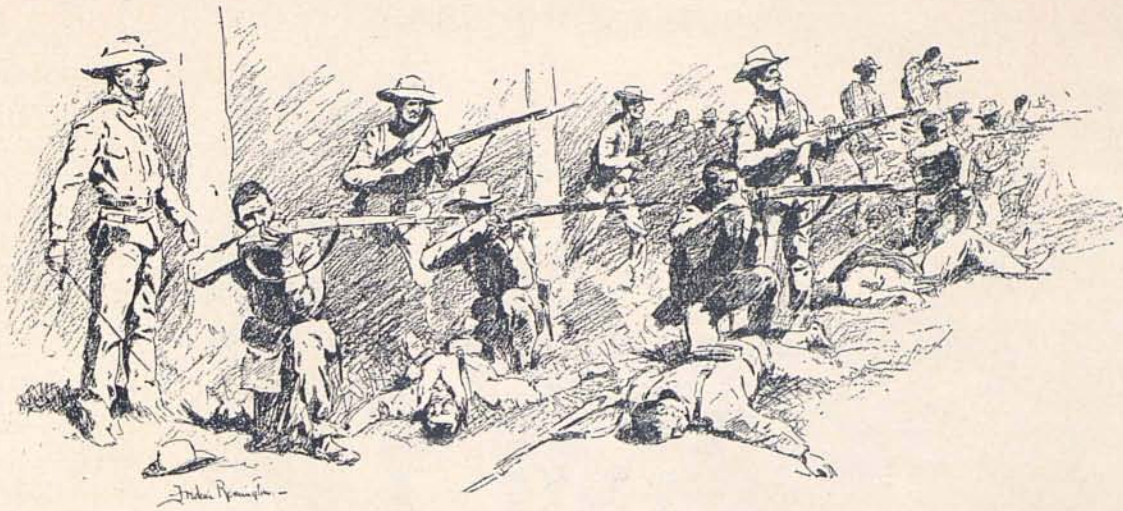
Ousarei ainda desenrolar a minha surpresa pe-

ranto os versos da Epistola em que o Santo Padre recommenda o café, com bondoso fervor, insistindo mesmo que o tomemos de Moka e o saboreemos lentamente, em regalados góles ? O café ! Mas o café foi logo, desde a sua appareção, a bebida dilecta, quasi official do Racionalismo ! Estimulando a Imaginação e a Razão indagadora — elle implicitamente dissolve o respeito pela Regra e pelo Dogma immutavel. O café, mais que a *Encyclopaedia*, fomentou a Grande Revolução. Bebido, com o alvoroço da sensação nova, por Buffon, Diderot, d'Alembert, Rousseau, elle aqueceu mais aquellas almas calorosas, aguçou mais aquelles espiritos penetrantes : e Michelet não duvida affirmar, com gongorismo, mas com rigor historico, que essa geração forte descobriu no fundo das chavenas, atravez da negra e perfumada bebida, o luminoso raio de 89 ! Os impios do seculo XVIII foram insaciaveis bebedores de café — e, na primeira mesa do botequim do Procopio onde elle se bebeu, se improvisaram de certo as primeiras pilherias sobre Jehovah. Voltaire tirou da cafeteira toda a sua obra demolidora. Esse diabolico rei da Prussia, Frederico o Grande, que morreu dos excessos de café, e que se regalara de não acreditar nem em Deus nem na Vida Eterna, exclamava, moribundo : « Já não sou nada, já não bebo café ! O café a quem devo tanta idéa !... Agora ao almoço só sete chavenas e ao jantar apenas quatorze ! » Voltaire, Frederico da Prussia... Estes dous unicos homens deviam tornar para sempre suspeita á Egreja os escuros grãos d'onde elles tiraram a força, o ardôr, a petulancia e « as idéas ». E agora Nosso Santo Padre, n'um largo e doce gesto, *urbi et orbi*, chama a Christandade ao café !

Mas por fim o que mais nos surprehende e perturba é que tão doce e humano Papa, de genio tão espiritual, e Papa que tanto amamos, levante assim nos cimos da Egreja uma tão appetitosa mesa, e a alastre de gallinhas, de vitella, de vinhos suaves e de fructas rubicundas, e a ella se sente risonhamente conversando com um Pagão — em quanto em redor arregalam os olhos tristes tantas criancinhas famintas, e por traz d'ellas as mãis pallidas apertam aos farrapos do seio outras criancinhas ainda mais pallidas, e para alem os pais sem trabalho e sem lenha no lar enrugam a face sombria, e mais longe os velhos de secular miseria murmuram amargamente...

Na verdade, na verdade ! Grande é a certeza do Papa e larga a sua ternura ! Mas não penso que, deante d'esta esfaimada e rôta Plebe, nem S. Bento, nem o pobresinho d'Assiz, nem o bom Sr. S. Vicente de Paula, nem esse tresloucado S. João de Deus, nem o nosso velho Santo Antonio, nem S. Gregorio ou Pio V que eram tambem Papas e devotos das lettras antigas, se entregassem ao regalo de compôr, sobre a Arte de Bem-Comer, uma honesta Epistola Horaciana, d'elegante latinidade.

EÇA DE QUEIROZ.



Soldados hespanhoes combatendo

## A Guerra em Cuba

*Cuba in War Time* by Richard Harding Davis. Illustrated by Frederic Renington. — London. William Heinemann, 1897, 8º.

É este livro de Richard H. Davis um livro doloroso e cheio de terríveis lições. Descreve o auctor o que é hoje Cuba, depois de tres annos de uma lucta ferocissima e, observador minucioso, relata e pinta scenas de um horror estranho. Vê-se nas paginas do livro a paizagem de palmeiras destacando-se contra o azul do céu manchado de nuvens de fumo dos incendios das casas ricas, das pobres choupanas de palha, dos vastos engenhos de

assucar. E sobre tudo isto esvoaçam grandes abutres, attrahidos pelos corpos insepultos, largados nús sobre a herva das pastagens devastadas.

A lição politica que o livro nos dá, é preciosa.

Depois de mostrar que a revolução de 1868-1878 foi organizada pelos aristocratas, diz-nos que a revolução actual é a revolução feita pelas camadas inferiores do povo, embora entre os que a dirigem, haja alguns membros das principaes familias cubanas.

A actual revolução tem a sua causa immediata n'um grande erro politico dos principaes chefes dos patriotas. Em 1894 a Hespanha declarou estar disposta a fazer algumas reformas no governo interno da ilha. Os velhos chefes revolucionarios, temendo que a promessa d'essas reformas bastasse para satisfazer os Cubanos e que elles cessassem por isso de desejar e de esperar a independencia

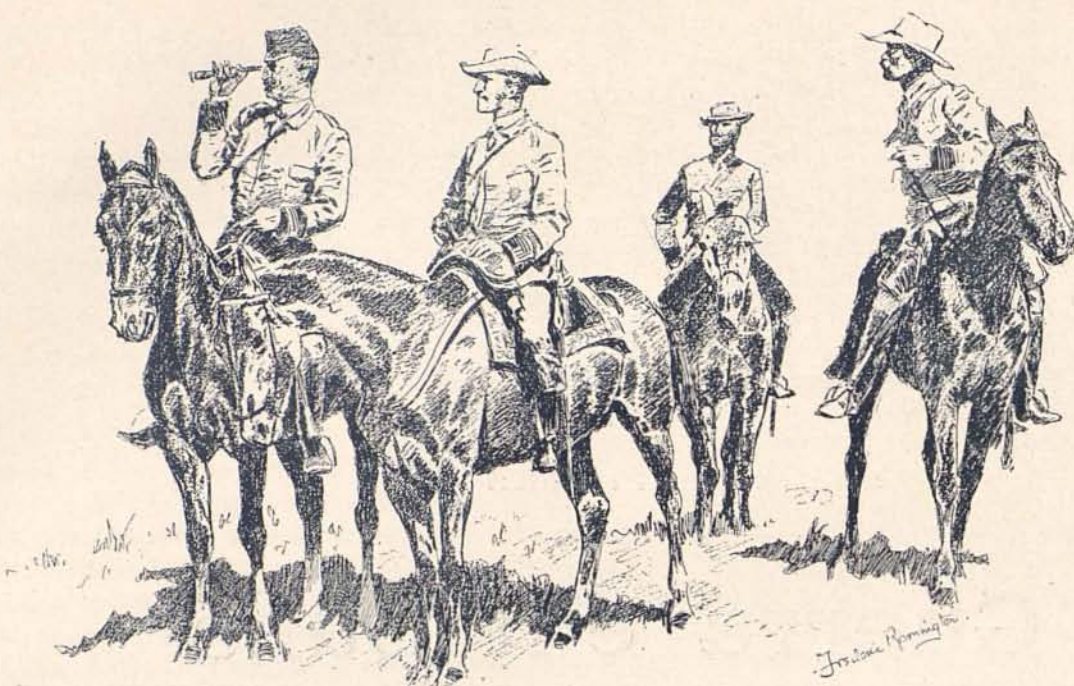
completa, resolveram fazer romper a revolta, induzindo os patriotas a não accitarem as reformas, dizendo-lhes que, combatendo, podiam obter a liberdade. Os factos têm dado um crudelissimo desmentido a essas esperanças. Ha tres longos annos que a lucta persiste e onde está a independencia de Cuba? A que está reduzida a propria Cuba? A um montão de ruinas fumegantes, ao redor do qual, nús e esfaimados, se agitam cubanos e hespanhoes cheios d'odio e de raiva. Teria sido mais politico e mais humano o accitar as reformas. Se estas fossem reaes e beneficas, a felicidade de Cuba seria o seu resultado; se fossem illusorias ou inapplicaveis, sempre seria tempo para levantar a bandeira da revolta armada. Os mais ardentes dos patriotas cubanos, os que mais esperança têm na victoria final da sua causa, não encaram sem terror a perspectiva da organização da futura republica cubana. Será ella um Hayti ou um São Domingos em ponto maior? Predominará a raça negra que é a da maioria dos habitantes da ilha? E que educação politica, que preparo têm os cubanos para um governo livre? A experiencia demonstra que uma fórmula de governo liberrima nas suas leis quando se applica a um fundo ethnico onde ha ignorancia e barbaria, leva sempre á anarchia e ás peiores tyrannias. Ora a autonomia, por mesquinha



Official d'infanteria hespanhola.



Official de cavallaria hespanhola



General Weiler e o seu Estado-Maior.

que fosse, offerecida pela Hespanha tinha a vantagem de ser uma escola, um exercicio preparatorio de governo e de administração para os cubanos. Quando chegasse o dia da independencia, estariam aptos a ser dignos d'ella e capazes de realizar na pratica os seus beneficios.

A administração hespanhola é, não ha duvida, a encarnação de todos os erros imaginaveis. Nas vespersas, porem, de rebentar a revolução actual, a Hespanha commetteu um ultimo e gravissimo erro. A industria do assucar estava então em plena crise e fechados muitos dos engenhos centraes. A falta de dinheiro fazia com que os agricultores cessassem a moagem da canna, e milhares de

operarios despedidos, e obrigados pela fome e levados pela sua sympathia natural, junctaram-se aos rebeldes. Ha agricultores cubanos que affirmam que, se a Hespanha lhes tivesse em tempo adeantado dinheiro, os operarios teriam ficado nos engenhos e que, tão poucos seriam os passados para a insurreição, que esta, com muita facilidade, teria sido esmagada antes de ganhar forças e ter-

reno. Um adeantamento opportuno de alguns poucos milhões de dollares teria poupado á Hespanha os centenares de milhões, que já lhe tem custado a guerra. Os erros militares dos hespanhoes e especialmente do general Weyler são sem conta. O maior foi sem duvida a idéa chinesa de correr uma trincheira de norte a sul da ilha, para isolar os insurgentes da parte occidental dos seus correligionarios da parte oriental. Todo o mundo imagina que uma trincheira cuja guarda immobilisa perto de 50,000 homens, é uma obra militar séria e completa. Assim não é. Chama-se *trocha* uma vereda de



Soldado hespanhol.

cento e cincoenta a duzentos metros de largura, aberta atravez da matta impenetravel. Os troncos, os galhos e as raizes das arvores cortadas foram postos em pilhas de um lado da vereda e formam uma barreira da altura de um homem, que um peão passará com difficuldade e absolutamente impossivel de ser transposta por um cavalleiro. Essa barreira é guardada por uma linha de fortes e de vigias e atraz de uma intrincada rede de arame farpado. No mez de Novembro de 1896 essa barreira não estava acabada e por isso Maximo Gomes a poude transpôr com seiscentos homens, tendo sómente 27 baixas. Hoje, sem artilharia isto seria impossivel.

O Sr. Davis diz que nos Estados Unidos o pu-



Campo dos Insurrectos. — Um cirurgião amator.



A "Trocha".  
Um posto d'observação.

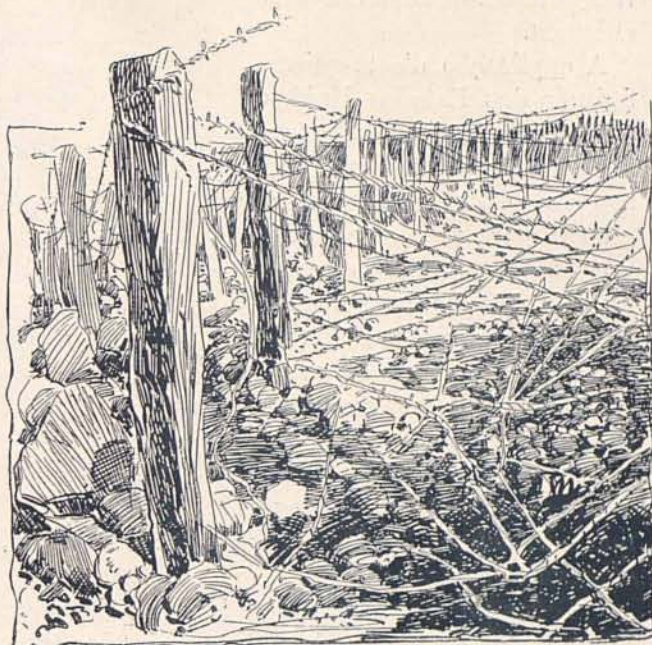
blico impacienta-se muito com as repetidas batalhas cubanas, onde quasi ninguém morre. Pretende que tanto os cubanos como os hespanhoes são pessimos atiradores e que a espingarda Mauser nas suas mãos não dá resultado quasi nenhum. Calcula o auctor que para cada soldado que morre em combate, ha pelo menos quinze mortes devidas ás be-

xigas, ás febres e ao assassinatos por occasião do saque dos engenhos.

Segundo o Sr. Davis, a maior parte das noticias militares de Cuba são inventadas nas praças de Key West e de Tampa, portos da Florida, quartéis generaes dos agentes cubanos revolucionarios. O auctor diz, porem, que, se muitas das atrocidades que se pretende commettidas em Cuba são falsas, um grande numero d'ellas é verdadeiro. « As nações civilisadas » diz o Sr. Davis « só têm tres modos de tratar os prisioneiros de guerra. São estes soltos sob palavra, são trocados, ou conservados presos. Não é permittido fuzilar prisioneiros ». Os hespanhoes, porem, não respeitam essa lei de humanidade e executam prisioneiros, não escondendo esse acto criminoso. São taes os horrores relatados de parte a parte em Cuba, que o estrangeiro sente-se opprimido n'aquella atmosphera de atrocidades e de sangue.

O Sr. Davis faz justiça, porem, á abnegação e á resistencia do soldado hespanhol :

« Carregando a sua carabina Mauser, o seu cobertor, um par de sapatos extra e as suas latas de cozinha, garrafas, bananas e pão, elle caminha sereno, debaixo de um sol terrivel. Conserva sem-



A "Trocha".

pre a disciplina e, por maior que seja o seu cansaço, perfila-se sempre irreprehensivelmente para fazer as continencias militares. Esses soldados vêm das aldeias de Hespanha e a grande maioria não tem vinte annos de idade. »

O grande criminoso, porem, em toda essa tragedia, é o governo dos Estados-Unidos. Quer a liberdade de Cuba? Pois devia já ha mais tempo ter intervindo franca e corajosamente, pondo termo a uma lucta horrivel. Quer guardar neutralidade? Pois então cumpra o seu dever de neutro, impedindo a partida das expedições de flibusteiros que



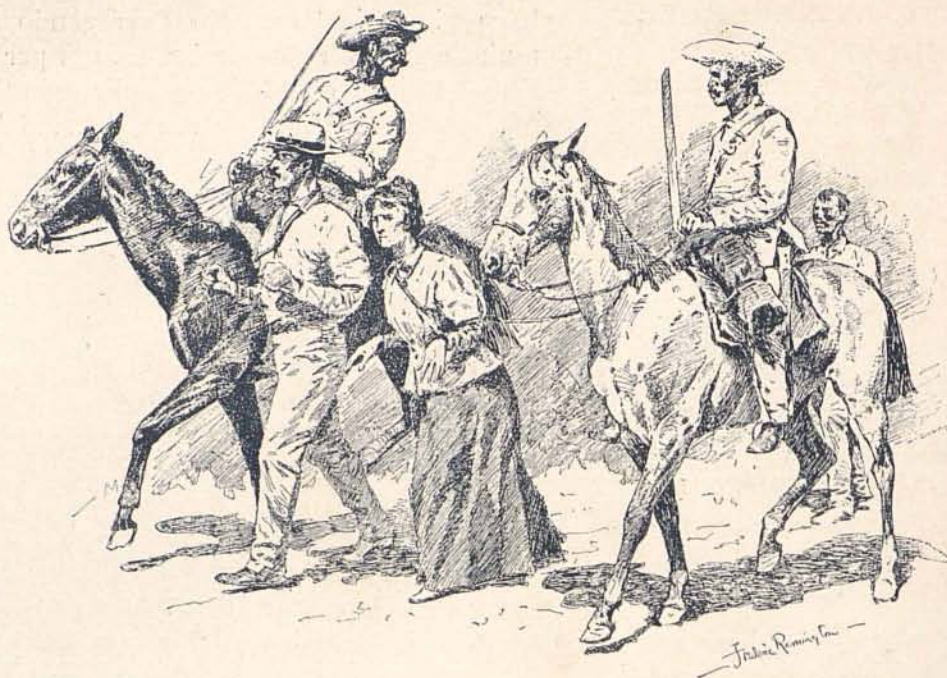
Enterro de soldados hespanhoes.

só servem para prolongar a lucta e abandone a politica declamatoria, que só serve para lisongear a vaidade popular e dar fallazes esperanças aos illudidos e infelizes cubanos.

A explicação d'esta odiosa attitude dos Estados Unidos está no seu egoismo atroz de negociante. O syndicato do assucar quer prolongar a guerra para manter os altos preços d'este genero e continuar a ter os seus lucros fabulosos. Para isso este syndicato que é, como se sabe, omnipotente, dicta a sua vontade ao governo.

Os Norte-americanos dizem-se amigos dos cubanos, mas o insuspeito Sr. Davis, percorrendo a *trocha*, observa o seguinte :

« Todos os materiaes d'este baluarte da defeza hespanhola, base de toda a estrategia das suas operações contra os rebeldes, cada tecto de zinco ondulado, cada chapa encouraçada dos fortes, cada taboa, cada rôlo de arame, cada forte desmontavel, cada prego usado n'essas obras, tudo é vendido pelos americanos. E os americanos que



Prisioneiros da guerra.

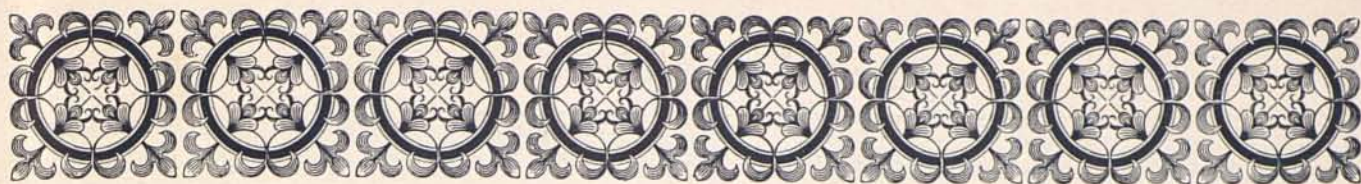
vivem a dar vivas a Cuba livre, gostam muito de ganhar o maior numero possivel de dollares, construindo a barreira contra a qual os seus amigos cubanos hão de ser escurraçados e fuzilados! »

Este é o segredo da odiosa attitude dos Estados Unidos em relação á Hespanha e á sua colonia revoltada.

LECTOR.



Cavallaria hespanhola.



## DO CAIRO A LUXOR



QUANDO o barco a vapor da agencia Cook largou do caes, perto da Ponte de Kasr-el-Nilo e magestosamente subiu pelo *rio sagrado* na direcção de Memphis, um suspiro de allivio, quasi de prazer, saiu do meu peito até então suffocado e opprimido.

La pois estar livre, por algum tempo, dos cocheiros, dos burriqueiros, dos mendigos e dos engraixadores!... Porque o Cairo é uma cidade terrivel, insupportavel, onde a exploração do *touriste* se transformou n'uma escandalosa perseguição, n'um verdadeiro e ininterrupto martyrio!

Ao sair de casa, antes de dar um passo, sente-se a gente rodeada de uma população suja, que nos barra o caminho, nos falla n'uma lingua barulhenta em que ha palavras vagamente francezas, inglezas ou italianas, e que no meio de uma grande confusão e gritaria, nos offerece toda a sorte de coisas, desde os refrescos mais repugnantes, até aos serviços mais correntes e humildes. E enquanto se recusa um collar d'ambar, uns sapatos, ou um pastel, se afasta o homem que quer mostrar-nos um macaco amestrado, se empurra o burriqueiro que nos elogia o seu burro, se repelle o mendigo que nos implora e nos insulta, sente-se que alguém nos agarra as pernas, nos arregaça as calças e nos engraixa as botas, apesar dos nossos violentos protestos e graças á nossa immobilidade forçada, no meio de todo este grupo esfarrapado.

E logo após toda esta gente que levou uma hora a perseguir-nos com os seus offereci-

mentos, leva outra hora a pedir-nos a esmola d'alguns *bachiches*, isto é d'algumas piastras.

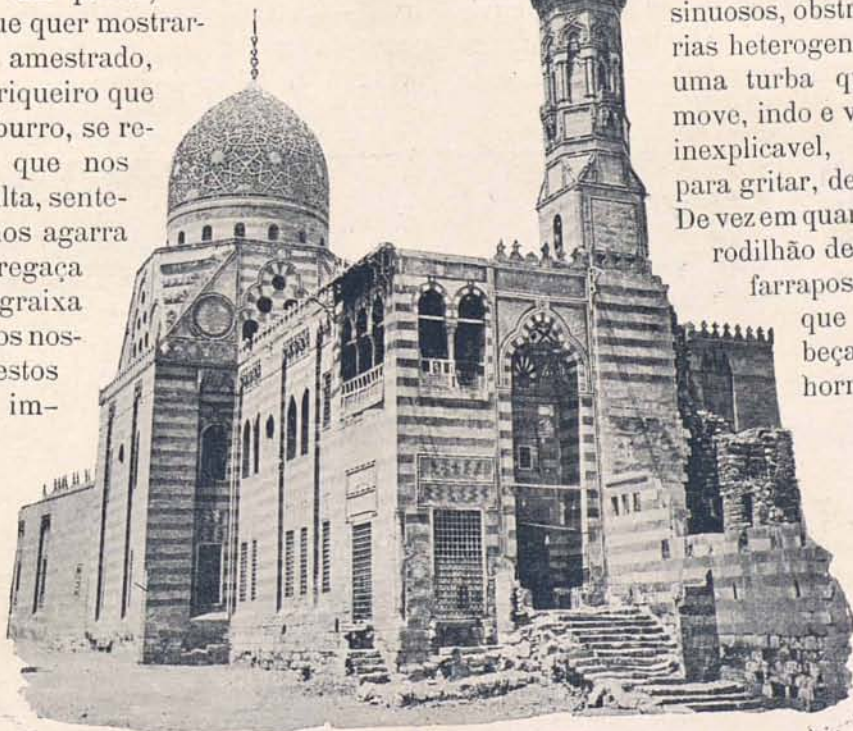
A paciencia mais paciente acaba por revoltar-se contra este commercio insolito e não é raro ser necessario recorrer á bengala, para abrir caminho atravez da banda dos importunos.

Estas scenas não têm logar, verdade é, nos bairros europeos da cidade, em Ismailieh e Ezbékiah, mas esses pouco interesse offerecem ao *touriste* — alinhados, bordados de passeios e de arvores, com construcções limpas á europeia, com avenidas espaçosas e jardins que lembram os *squares* de Londres ou de Pariz.

Para onde logo o viajante que chega ao Cairo, corre na sua ancia d'impressões d'Oriente, é para o bairro arabe apertado e tortuoso, descendo aos trambolhões pela encosta desde a cidadella á orla do deserto.

Mas lá o seu entusiasmo é substituido por uma desagradavel surpresa. Como passear n'este dedalo de travessas e becos estreitos, sinuosos, obstruidos de mercadorias heterogeneas e apinhados de uma turba que lentamente se move, indo e vindo, n'um passeio inexplicavel, parando sómente para gritar, descompor ou bater? De vez em quando tropeça-se n'um rodilhão de farrapos e logo dos farrapos sae um grito agudo que faz medo, uma cabeça negra que incute horror! Nos farrapos havia um mendigo arabe dormindo acocorado no meio da calçada!

Em torno do viajante europeu, um sequito de garotos seminús, com os



CAIRO. — Tumulo do Sultão Barkuk.



CAIRO. — A Cidadella e o bairro arabe.

olhos doentes, picados das moscas, com a bocca lambusada de doce de tamaras, pede esmola n'uma cantilena incessante *bachiche! bachiche!* ao passo que, de lado a lado, os mercadores atiram os seus pregões d'ensurdecer.

E portanto se o estrangeiro curioso tiver a força de vontade necessaria para se isolar, e só quizer ver em tudo isto a scena, o aspecto ou a côr local, este bairro é uma das coisas mais pittorescas do seu itinerario. Nada de curioso como o aspecto d'este *bazar* composto de pequenas lojas em ruinas e a promiscuidade das mercadorias diversas, que n'ellas se vende. Ao lado do mercador de estofos de seda, um torrador de milho, seu vizinho, envia a fumarada da sua frigideira; cachos de bananas dependurados, alternam com bandas de fina cassá palhetada de oiro; sapatinhos bordados poisam sobresaccos de grão, ao lado de cestos de azeitonas, laranjas ou romans; um barbeiro que rapa o cabello de uma criança, está separado, apenas por duas taboas mal unidas, de uma forja de ferreiro, que vizinha, do mesmo modo, uma loja de alfaiate onde tambem se vende figos, amendoas e melancias!

Observe-se o effeito de semelhante bazar,

acrescente-se a necessidade que no oriente ha das côres violentas, anime-se o quadro da multidão tão diversa como as mercadorias, veja-se tudo na meia obscuridade em que as ruas estreitas vivem, á sombra de velhos toldos estendidos de lado a lado, e ter-se-ha então uma impressão inolvidavel, á qual virá juntar-se ainda o vulto gracioso de alguma mulher, de rosto vellado, vestida de negro, passando silenciosa e grave aavez d'este labyrintho das coisas e dos seres!

A tudo isto — e á minha excursão ás Pyramides, excursão banal á força de descripções anticipadas, e porque aos tumulos vetustos dos Pharaós se vae pela estrada, bordada de acacias, que o Khediva Ismaíl fez construir para a imperatriz Eugenia, durante as celebres festas d'inauguração do canal de Suez — e á minha impressão de asphyxia no interior da pyramide de Chéops, onde o ar é raro e onde para desespero dos nossos pulmões e desapontamento dos nossos olhos, um beduino queima fios de magnésio — e á minha colera deante do Hotel Inglez *Mena-House* profanando estes logares sagrados, não longe da Sphinge silenciosa e mutilada — a todas estas impressões da primeira parte da minha estada no Egypto, pensava eu, sentado á pôpa do barco a vapor da Agencia



CAIRO. — Boulevard Ismailieh.





CAIRO. — Tumulo dos Kalifas.

Cook que pela manhã partira do Cairo e agora magestosamente subia o Nilo na direcção de Memphis.

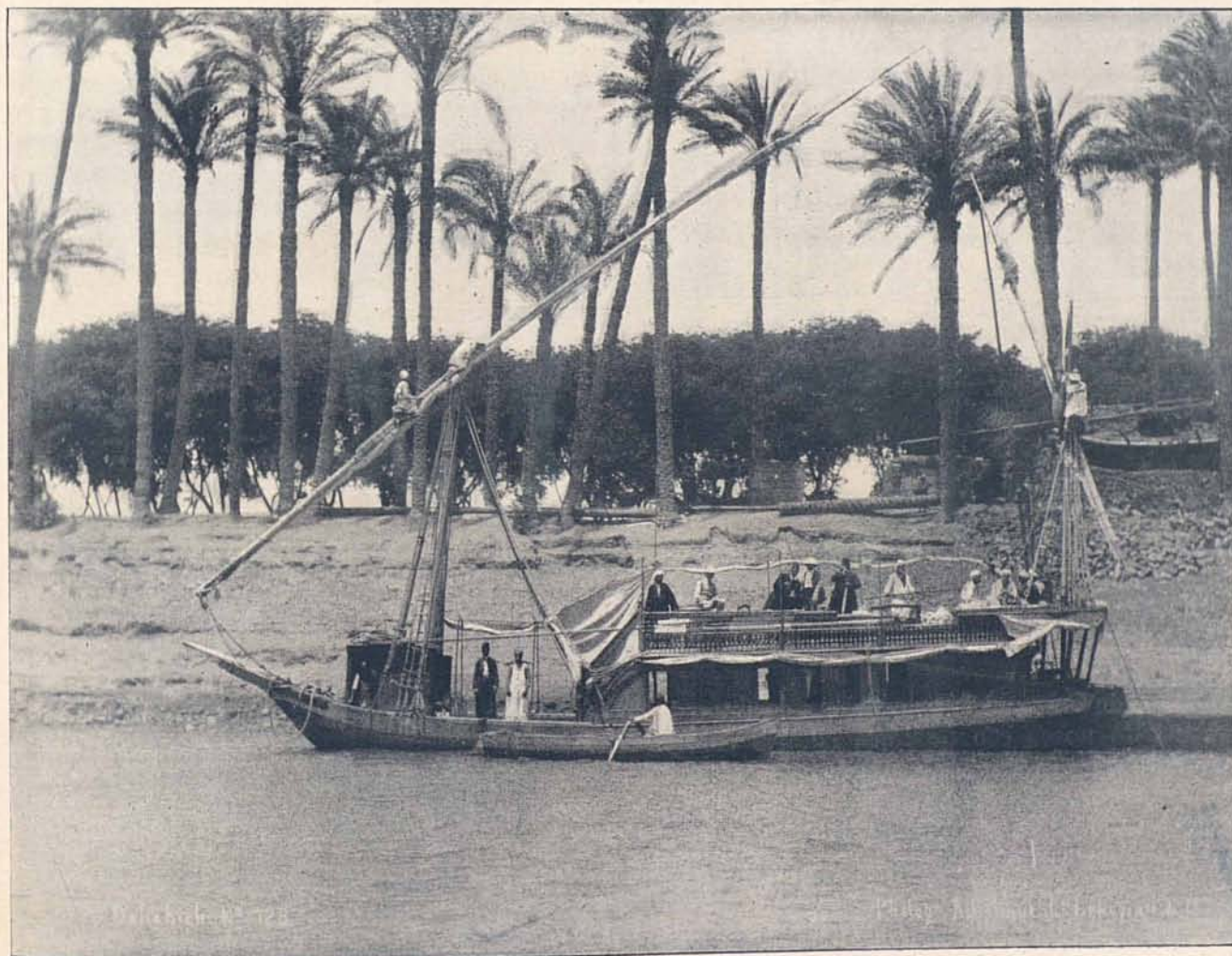
Muito se tem escripto sobre o Egypto e princi-

palmente sobre esta região que o Nilo fecunda entre o delta e a primeira cataracta. Nas linhas que seguem, não haverá mais do que uma impressão pessoal, uma visão particular, toda d'aspectos, de *croquis*, de scenas de momento, visão incompleta e fugitiva, como as colinas, que d'um lado e outro do rio sagrado, parecem fugir para traz do barco que nos leva.

A paisagem entre a cordilheira libica e a cordilheira arabica é a começo monotona e sem interesse.

O Nilo n'este sitio é largo, sereno, mas a agua é lamacenta, opaca. Á direita e á esquerda, campos de trigo, pastagens, montes d'areia, renques de palmeiras, choças feitas de barro ou de limo amassado com palha, nóras que gemem, popula-

ções aconchegadas em torno de minaretes, grupos d'indigenas vestidos de côres brilhantes: branco, azul ou purpura, vendo passar o nosso barco e fazendo signaes amigos, mulheres le-



Um " dahabieh " — barco do Nilo.

vando o cantaro á cabeça e despertando em nós cogitações bíblicas, e ao longe, no recorte das colinas, linhas de caravanas levantando a poeira, ao passo largo e rítmico dos camélos.

Descendo e subindo o rio, numerosas barcas de velas latinas deslizam docemente; os marinheiros psalmodiam melancólicas e intermináveis canções. As barcas são graciosas, velhas na maior parte, de casco esverdeado e velas remendadas, mas de longe parecem grandes aves aquáticas de azas abertas.

enche o espaço, povôa o deserto, ergue as ruínas, construe as cidades mortas, nos falla de Amén-Ra, de Isis, d'Osiris, de Horus, de Thoth e dos Pharaós que os adoraram, e das cidades que lhes ergueram templos. Noites em que a visão das coisas extintas é clara, em que do Nilo quieto surgem os phantasmas das Virgens immoladas á sua colera, e o espectro d'aquelle bello favorito de Adriano que — por ter sabido que um oraculo affirmara a morte do imperador se a pessoa a que este mais queria não se immolasse em seu lugar



Um Beduíno.

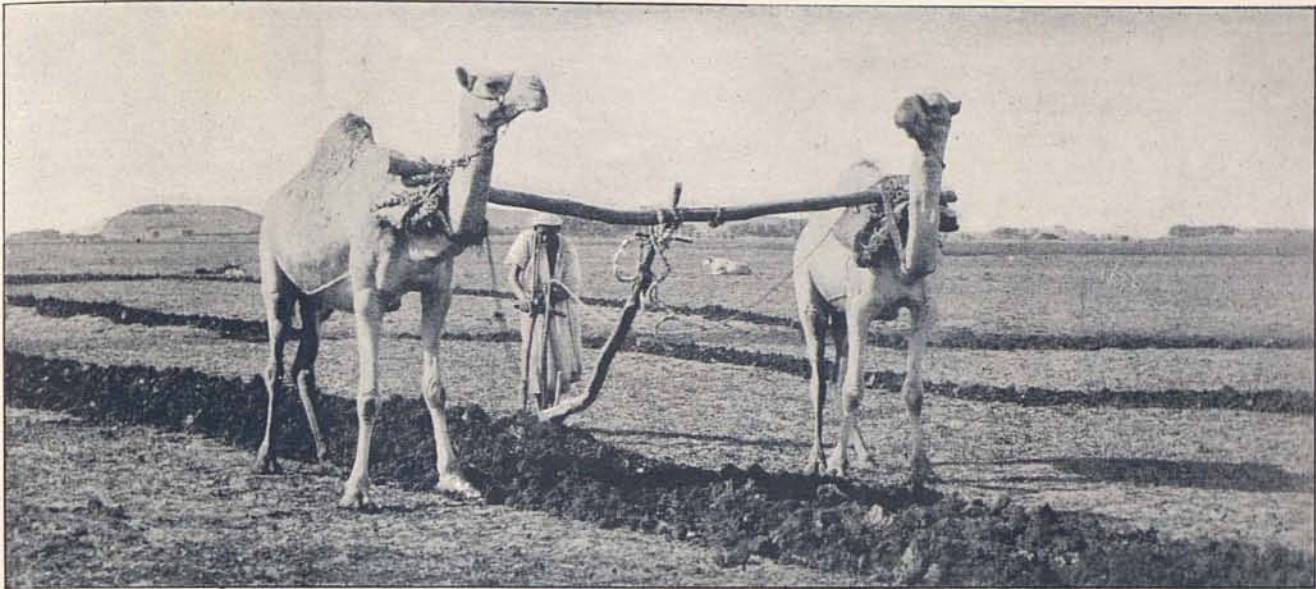
O céu é de um azul immaculado, sem a transparencia do nosso céu de Portugal. No espaço tranquillo passam bandas de passaros grandes, que em tempos foram sagrados e que hoje vão morrer talvez ás mãos d'algum fellah irreverente.

Um grande calor pesa sobre toda a natureza durante o dia, mas as noites são de uma frescura deliciosa! Noites d'Oriente, sublimes noites, em que toda a poesia dos tempos mil vezes remotos,

— se deitou ao Nilo e se afogou por amor do seu amo!

Noites d'invocação, noites de sonho!

De Menpgis a primeira antiga cidade que se aborda, pouco ou nada resta. Gigantescos palmares cobrem a planicie onde outr'ora se erguia a poderosa capital do Egypto, e uma colossal estatua de Ramsés caída por terra, parece a pedra tumular de todos estes esplendores extinctos de toda esta



Camêlos arando.

civilização morta. Depois de uma visita ao *Sérapeum*, visita classica e conhecida, volta-se de novo a Badraschin, aldeia construída na orla dos palmares, perto do Nilo, e onde os burriqueiros exercem, como no Cairo, a sua profissão e a sua perseguição.

O vapor de Cook que só espera os *touristes* — acompanhados e guiados pelos *drogmen* como meninos de collegio — revolve a agua lamacenta do rio com o seu helice poderoso e outra vez sóbe, na direcção d'*Assiut*.

D'um lado, agora a vegetação falta, a areia domina e espraia-se do Nilo á cordilheira arábica; do outro lado, os mesmos campos de trigo, as mesmas pastagens de ha pouco, as aldeias cõr de barro á beira d'agua, onde numerosas barcas, lado a lado, descansam junto aos cáes. De vez em quando uma pequena distracção na monotonia da paisagem : homens de dorso nú puxam da terra uma barca pesada ; mais adeante, outros

tiram agua do rio, balançando os estranhos instrumentos que aqui se chamam *chaduf* e a que em Portugal se dá, creio, o nome de *cegonhas*; ás vezes uma caravana fórma um grupo pittoresco á borda do Nilo, onde a sua imagem inversamente apparece ; as mulheres debruçam-se a tomar agua, os homens, acorados, fumam e palestram, as crianças núas entram ás cabriolas no rio. Estes detalhes insignificantes marcam as horas, na lenta marcha do vapor por entre os bancos de areia onde, parece, ha perigo de encalhar.

Grandes canaviaes apparecem agora na orla da corrente estendendo-se á perda de vista, as aldeias são mais proximas e a paisagem tem mais movimento, mais vida ; esta região deve ser um centro importante d'industria, porque ao lado de minaretes, grandes chaminés de fabrica vomitam nuvens de fumo. O *drogman* diz-nos que estamos em frente de *Cheik-Fald* onde existem importantes fabricas que extraem o assucar de cana.

*Assiut*, porto onde o nosso vapor faz escala, é uma cidade musulmana que teve em tempos uma certa importancia e que hoje parece relativamente despovoada. Nos seus bazares, pobres, encontra-se objectos de barro curiosos : perfumadores, vasos, castiças, etc. A escala n'este ponto é motivada pela excursão



Sycomoro gigante.



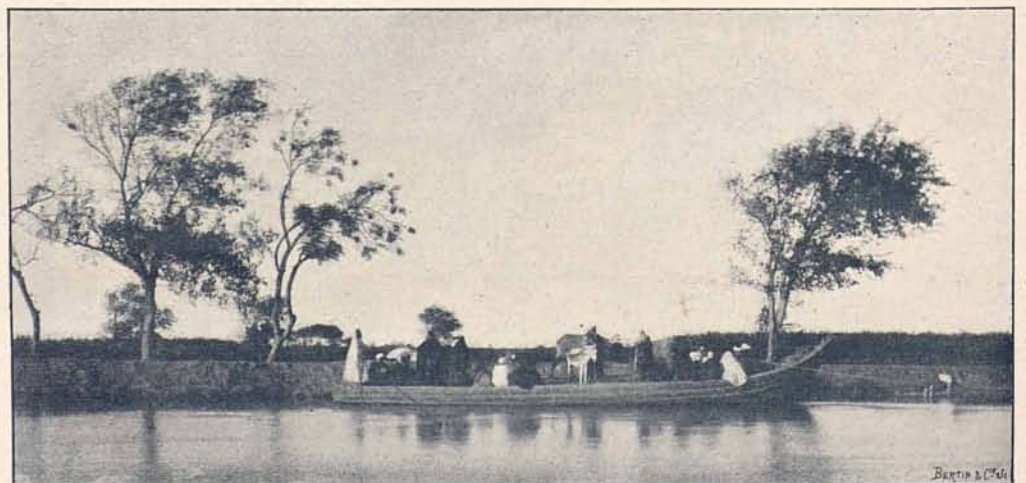
Grupo de soldados egypcios montados em meharis.

que, d'aqui, se faz a Abydos, a cidade santa dos Egypcios, onde existia o tumulo d'Osiris, e onde hoje existem magnificas ruinas do Templo que Seti I fez construir com sete sanctuarios: os de Horus, de Isis, d'Osiris, d'Ammon, de Harmachis, de Phtah e do Pharaó. N'estas ruinas, quasi sepultadas na areia branca, uma multidão alegre de passaros habita e nada ha de tão impressionante, como o contraste entre esta ruidosa vida e a tristeza secular de taes logares.

D'Assiut o vapor parte rio acima; e logo a região onde outr'ora existio a *Thebaida* apparece — sem vestigio algum d'essa mysteriosa colonia sagrada — envolta toda de verdura nova, á sombra dos tamariscos, das palmeiras e dos sycomoros. Que importa que não haja uma só ruina, uma só pedra que nos conte o delicioso ascetismo de Santo Antonio, S. Macario ou S. Pacomio, se a historia ou a lenda nos

traz, n'estas paragens, a invocação de tão admiraveis quão felizes anachoretas?

N'esta meditação, chega-se a Denderah, onde ha, como se sabe, o celebre templo de Hathor, ruinas magnificas, magestosas, onde vinte e quatro columnas poderosas sustentam, em cada um dos seus capitéis cubicos, quatro rostos serenos da Deusa. N'este logar, cuja imponencia incute o respeito pelas cousas sagradas d'outr'ora, uma agencia ingleza installou mesas provisórias mas bem fornecidas, onde antipathicas *miss* e antipa-



Um barco indigena.

thicos gentlemen banqueteavam com ruido. Não se póde levar mais longe o desrespeito e a profanação!

O templo de Denderah, como o d'Abydos, está a alguns kilometros do rio. Á ida e á volta, o *touriste* tem que soffrer de novo o supplicio dos burriqueiros, que são ás vezes dez para cada viajante, dez selvagens que nos gritam aos ouvidos, nos puxam, quasi nos batem, até que a nossa escolha esteja feita. Os rapazitos indigenas, não esquecem é claro a cantilena dos *bag-chis*, mas têm um novo meio de perseguição que é mais original mas não menos insupportavel. Todos elles possuem objectos *antigos*, amuletos, anneis de cobre, moedas, pedaços de pão, que offercem incessantemente, com a repetição d'essa mesma palavra *antigo*, *antigo*, que elles julgam ter um effeito poderoso sobre o viajante.

Esta obsessão devemos tel-a de novo em Luxor onde chegámos á noite... Mas que importa! *Luxor*, *Karnac*, *o valle dos Reis*, todas as magestosas ruinas de *Thebas*, são maravilhas inenarraveis que compensam todos os supplicios, todas as fadigas, todos os aborrecimentos e todas as coleras. No magnifico *Hotel de Luxor*, entre jardins, deitado n'um leito macio e limpo, eu adormeço agora e vagamente medito, quasi em sonho, n'esta viagem pelo Nilo acima, e, vagamente tambem, penso aos Pharaós poderosos, aos santos da Thebaida, aos crocodilos sagrados que não vi, ás virgens sacrificadas, á Antinoüs... e aos inglezes, que, profanando tudo, me proporcionam o ineffavel prazer de, confortavelmente, me deitar, *dormir... sonhar talvez...*

MIGUEL DE LENCASTRE.

### O GRANDE "OLD-MAN"



Do *Illustrated London*.

O ultimo retrato de Gladstone com oitenta e nove annos de idade.

# A QUINZENA POLITICA



Inglaterra prosegue com toda a segurança e methodo, a suffocação da revolta nas fronteiras da India. A sua extraordinaria organização militar, que tudo prevê e a tudo providencia, funciona admiravelmente em todos os seus minimos detalhes. Mais algumas semanas decorridas e a fuzilada não mais ecoará n'essas montanhas mysteriosas, que abrigavam milhares de fanaticos, hoje quasi dispersos e dominados.

No Egypto, a politica do Sudão visando Kartum, a capital do Madhismo, continúa sempre avante, não obstante os protestos da imprensa allemã, e a eterna opposição da França, que tudo fará para lhe difficultar a marcha. O *Speaker*, orgão hebdomadario do liberalismo inglez, diz por intermedio do seu redactor em chefe, que a theoria do *Foreign Office* é : que o Egypto das convenções e da diplomacia europeá acaba na antiga fronteira de Ouady-Alfa, que alem d'essa região a Gran Bretanha é livre de qualquer compromisso internacional e que todo o territorio reconquistado não deve ser considerado como fazendo parte dos dominios do Kedia. »

É essa uma original theoria da parte do governo inglez, que não deve ignorar as antigas condições do Sudão sempre tributario da autoridade kedival, e vivendo ha muitos annos n'um estado de insubmissão e revolta. A expedição que marcha contra os soldados do Mahdi, é composta de regimentos inglezes e egypcios e se a tomada de Kartum, objectivo d'essa campanha, fôr conseguida, não são precisamente as côres do Reino Unido que lá devem fluctuar, substituindo a bandeira do Kedia, unica soberana nos muros da velha cidade africana.

~~~~~ O conde Badeni acaba de apresentar ao parlamento austriaco, o projecto de lei do governo sobre o compromisso provisorio entre a Austria e a Hungria, que as camaras devem discutir e adoptar nas ultimas sessões de outubro. Sua excellencia espera finalmente resolver essa delicada questão, com o apoio da maioria slava e dos clericos allemães. Emquanto o primeiro ministro de Francisco José organiza uma maioria parlamentar, garantindo-lhe a votação de leis necessarias á

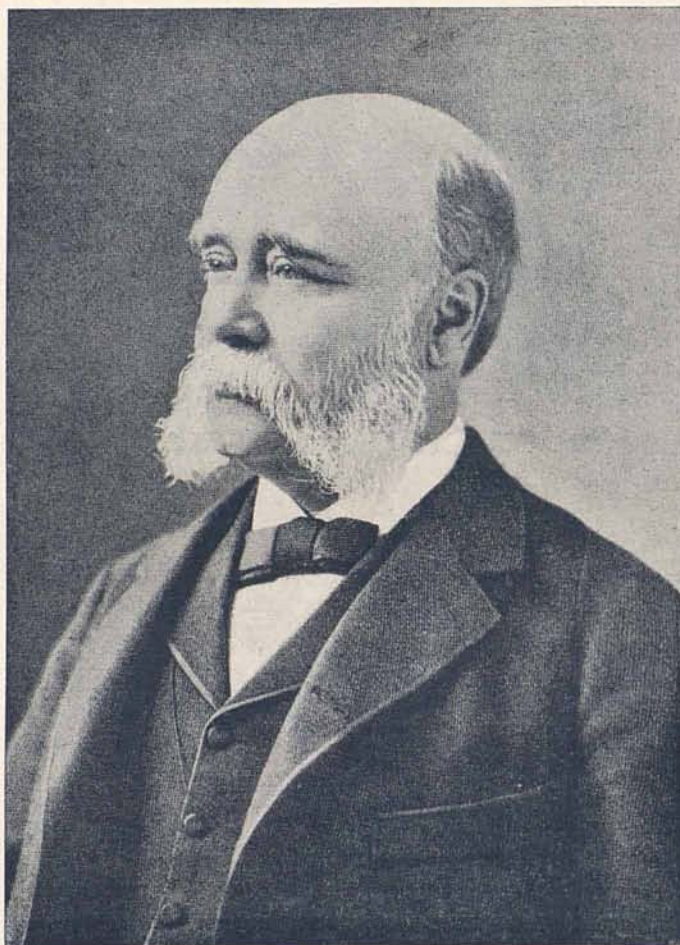
existencia do imperio austriaco, o barão de Banffy, presidente do conselho da Hungria, faz as suas despedidas ao rei Carlos da Rumania, prometendo-lhe concessões e liberdades aos Rumanios da Transylvania e da Hungria, promessas que muito difficilmente serão cumpridas. O ministro hungaro voltará sem perda de tempo a Vienna, tomar parte na discussão do mesmo compromisso, procurando, ainda, obter maior independencia e menos encargos para o seu paiz, insaciavel de concessões e tão avarento em concedel-as ás nacionalidades que dependem do seu governo.

~~~~~ A Italia continúa a ingrata politica dos impostos, que tanto tem impedido o completo desenvolvimento d'esse bello paiz. Já nos antigos tempos do *Risorgimento*, tinha-se comprehendido que o edificio da unidade nacional não seria dignamente coroado, se não tivesse como bases solidas um systema financeiro regularmente organizado, limitando as exigencias do fisco ás forças dos contribuintes. O Marquez de Rudini encarregado da difficil e cara liquidação da campanha africana, é naturalmente forçado, a par das sérias economias realizadas, a crear novas fontes de renda para o equilibrio dos seus orçamentos.

O imposto que acaba de ser lançado contra os bens moveis, produziu em todo o reino uma triste impressão tendo um echo de sangrenta revolta nas ruas de Roma — Á espera de uma solução menos antipatica

às suas combinações financeiras, o chefe do gabinete italiano limita-se a recommendar aos seus agentes maior doçura e urbanidade na applicação da ultima medida.

~~~~~ A solução da crise hespanhola continúa a ser o acontecimento politico de maior actualidade europeá. A subida ao poder do Sr. Sagasta implicava uma mudança radical na administração superior da metropole e das colonias e uma substituição completa do pessoal diplomatico. Maria Christina está firmemente disposta a dar uma nova e bem differente orientação á politica da Hespanha, e o seu primeiro ministro e com elle todo o partido liberal, preparam um programma de governo, baseado nas maiores concessões e na mais larga autonomia, immediatamente applicavel ás posses-



GENERAL WOODFORD  
Ministro americano em Madrid.

sões d'ultra-mar. O novo ministro e chefe, procurará assim resolver de um modo honroso para o seu paiz, essa triste situação que ha tres longos annos, compromette terrivelmente as finanças da Hespanha, ameaçando a sua propria existencia.

A retirada do general Weiler do governo militar e civil de Cuba, a nomeação para esse alto e delicado cargo do marechal Blanco, militar moderado e politico transigente e conciliador, é uma justa satisfação dada aos autonomistas cubanos e uma medida de paz, digna e honrosa, proposta aos partidarios da guerra. A sinceridade do Sr. Sagasta e do seu governo não podem ser postas em duvida e a continuação da lucta em taes condições por parte d'aquelles que batalham em prol da liberdade, seria alieniar da sua bella causa todas as sympathias que lhes são devidas.

Desappareceu completamente a tão discutida razão de ser d'essa embaixada americana, que pretendia operar em Madrid, do mesmo modo que os seus compatriotas o fizeram na ilha do Hawaí. O tão caro ultimatum, pacientemente elaborado pelo Sr. Mac-Kinley e discretamente apresentado ao governo hespanhol, pelo novo ministro dos Estados Unidos, o general Woodford, deve retomar tristemente o caminho de Washington, á espera de melhores e mais faceis conquistas. Com os ultimos acontecimentos da politica na Hespanha, a posição do diplomata americano, resume-se na de um simples plenipotenciario em tempos normaes, sem mais direito a exigencias e reclamações. Ao contrario, o governo e os representantes do Sr. Mac-Kinley, são hoje mais que nunca forçados a respeitar os tratados, impedindo effcazmente a continuação do fibusteirismo, que organizado e arregimentado na Florida á sombra da bandeira da União vem propagar e continuar, nas Antilhas, essa guerra de exterminio. E forçosamente necessario, a bem da moralidade internacional, que sejam postos fóra da lei esses sindicatos indecentes, exploradores do patriotismo e da bravura de um povo. Amanhã serão elles os primeiros accaparadores de Cuba, se essa valente ilha conseguir a sua independencia.

~~~~ Na Allemanha, Guilherme II descança das recentes visitas aos vizinhos e alliados — e a politica do seu primeiro ministro o chanceller de Hohenlohe nada tem adeantado sobre os dous grandes projectos que preoccupam altamente a vontade imperial: augmento da marinha de guerra e a reforma do codigo militar.

Escusado é dizer que todos os parlamentos allemaes fazem uma viva opposição ao primeiro, por dispendiosissimo e ao segundo por ser uma lei anti-liberal. O partido militar e toda a camarilha da còrte acompanham os desejos do soberano, pres-

tes a derribar o primeiro ministro, se o mesmo não mostrar prestigio e habilidades bastantes para vencer as resistencias do Reichstag e fazer calar a gritaria da imprensa.

Desenvolver um programma de construcções navaes que faça d'Allemanha uma potencia maritima de primeira ordem, é um bello sonho para quem já dispõe de um exercito de tres milhões d'homens; mas arrancar do contribuinte centenas de milhões para realizar esse mesmo programma, será para quem tiver de pagal-os um triste pesadello.

A eloquencia autocratica de Guilherme II, já tem feito sentir ao principe de Hohenlohe, que os seus dias estão contados e as intrigas dos cortezaos que já têm sacrificado tantos ministros e altos perso-

nagens, triumphará ainda mais uma vez da maioria da nação.

~~~~ Quatro mezes foram necessarios ao sultão Abdul-Hamid para assignar as condições da

paz, pondo fim ao estado de guerra entre a Turquia e a Grecia. Durante todo esse tempo Sua Magestade divertio o mundo, revelando-se artista incomparavel da chicana e da tramoia; e os enviados militares das potencias, actualmente nas montanhas da Thessalia, para a marcação da fronteira definitiva, ainda serão certamente ludibriados pelos agronomos da Turquia. O descendente do propheta acaba de provar que é um grande e completo especialista n'essa sciencia complicada que se chama *diplomacia oriental*.

Um pouco mais de

bôa vontade na applicação dos seus conhecimentos e Sua Magestade verá que os negocios de Creta serão arrançados a contento de todos, pela nomeação de um governador musulmano e mais alguns milhões de indemnisação ao thesouro ottomano, pagos pela Grecia responsavel pela invasão dos tres mil homens do Coronel Vassos.

~~~~ Em Portugal a calma politica proporcionou á Còrte o ensejo de visitar uma das mais extremas provincias do reino.

El-Rei D. Carlos e S. Magestade a Rainha acabam de percorrer todo o Algarve, sendo entusiasticamente recebidos e festejados por esse laborioso povo, que desde 1495, reinado de D. João II, não mais recebera a visita dos seus soberanos.

D. Carlos I comprehendeu intelligentemente que — os monarchas portuguezes sendo coroados Reis de Portugal e dos Algarves — um tal esquecimento não tinha razão de ser, e de ha muito, a Còrte premeditava essa viagem, que foi agora realisada. Em Villa Real, na fronteira hespanhola foram Suas Magestades saudadas pelas autoridades do vizinho reino.

M. BOTELHO.



SAGASTA

Presidente do conselho de Hespanha.

# LIVROS NOVOS

**Litteratura Brasileira**, por Valentim MAGALHÃES. O autor d'este volume tem sido seguramente um dos espiritos mais laboriosos, mais productivos, mais varios da sua geração no Brazil. Desde a adolescencia, se pôde dizer, soffregõ de movimento e ruido, começou a trabalhar e a apparecer na imprensa, agitado por todas as idéas, impressionado por todas as controversias, achando em todos os assumptos, com genuino temperamento de jornalista, motivos excellentes para manifestar as suas opiniões. Estudante de Direito em S. Paulo, tendo como companheiros de curso outros rapazes de talento, que bem depressa se distinguiram nas lettras e na politica, o seu nome já adquirira notoriedade assás ampla; ao sahir da Faculdade, o mundo litterario o acolheu com enthusiasmo, e folhas das mais influentes do Rio de Janeiro disputavam a sua collaboração. Assentando a sua tenda de combate a principio na *Gazeta de Noticias*, e depois, successivamente, em quasi todos os jornaes que se têm publicado naquella cidade, o Sr. Valentim Magalhães continuou a expandir as multiplas aptidões do seu engenho, apreciando homens e factos, criticando livros, quadros, obras dramaticas, traçando leves phantasias e folhetins humoristicos, discutindo problemas sociaes, sustentando polemicas ardentes com adversarios de todo o genero; com isso tudo, ainda lhe restava tempo para fazer versos e contos, compôr e traduzir peças de theatro. Já se vê que, no meio d'essa febril e omnimoda actividade, a sua produção havia de ser forçosamente desigual; muitas das suas paginas tinham a natureza ephemera dos acontecimentos que as inspiravam — passageiras como o proprio jornal que tratava d'elles; outras, menos fugitivas pelo argumento, denunciavam na fórma a rapidez da composição, aviada ás pressas na mesa da redacção, diante do administrador impaciente por materia nova. São injustos, porem, os que, só julgando o Sr. Valentim Magalhães por esses innumerados esboços diarios, desconhecem a existencia de uma parte solida e definitiva na sua obra incessante. Sem duvida, a necessidade de gastar o melhor das forças intimas no arido labutar da imprensa o tem prejudicado como a tantos e tantos outros; mas elle sabe, de vez em quando, concentrar-se, recolher-se a esse isolamento austero sem o qual nada se faz de duradouro, para ser resolutamente homem de lettras, e como homem de lettras escrever.

Nem sempre, entretanto, consegue supplantar a influencia dispersiva que o avassalla; ainda ultimamente o provou com o romance *Flôr de Sangue*; se este não teve exito feliz, não foi de certo por falta de um talento que o autor já tem tão largamente demonstrado, não foi mesmo talvez por que a outras qualidades não se unam nelle aptidões para esse genero artistico, pois em não poucos trechos ha alli colorido, movimento, paixão, vida em summa; foi antes, e sobretudo, por que elle cuidou poder empregar no romance, creação de tão complexa e severa responsabilidade — os processos habituaes do jornalismo.

Não me cabe aqui, de resto, estudar mais detidamente a personalidade do Sr. Valentim Magalhães; bastar-me-ha accrescentar que seguramente ninguem lhe contestará uma fina organização intellectual, e em particular um amor sincero, um devotamento extremo e nunca desmentido ás lettras. Nesse sentido, a *Semana*, brilhante periodico fundado e dirigido por elle com o auxilio de escriptores distinctissimos, prestou em ambas as suas phases, indiscutíveis serviços; e serviços não menores vem prestar agora o seu livro — reprodução, em outros moldes, das conferencias feitas pelo autor na sociedade de Geographia de Lisboa. É um livro altamente util, e a sua necessidade apontada mais de uma vez; o seu fim é propagar em Portugal o

conhecimento da litteratura brasileira... Causa tristeza pensar que para isso sejam precisos trabalhos especiaes; o idioma é o mesmo nos dois paizes, entre os dois povos reina uma sympathia calorosa e forte, que tem resistido ao tempo e ás vicissitudes historicas; seria natural que houvesse de um para outro relações intellectuaes as mais estreitas e seguidas, e que no pequeno mas illustre reino do occidente europeu como na vasta e gloriosa republica sul-americana o mercado litterario fosse exactamente o mesmo. Mas assim não acontece, ao menos na proporção justa e desejavel; o Sr. Valentim Magalhães enumera as causas do mal, e propõe os remedios convenientes.

Depois apresenta ao seu novo publico os principaes poetas e prosadores, que desde 1870 até hoje têm figurado no Brazil, e de modo breve, mas geralmente claro e judicioso, lhes determina o temperamento e analysa a produção. Declara, todavia, que não é seu proposito fazer um completo estudo critico, e modestamente pede indulgencia para as suas classificações, motivadas pela conveniencia de simplificar e tornar mais comprehensivel o seu ensaio. De facto, como instrumento de vulgarisação, o volume está optimo, e preenche perfeitamente o seu fim. Uma obra meditada e profunda de critica, á maneira de Sainte-Beuve ou de Taine, sobre ser inexequivel em rapidas conferencias, apenas se poderia dirigir a um restricto circulo de intellectos cultissimos; ora para estes, em Portugal, a propaganda em favor da litteratura brasileira é cousa feita; o que importa é attrahir a grande clientela dos leitores, e o autor o comprehendeu perfeitamente. O seu estylo ali é nitido, sobrio, singelo, qual convem a livros de tal classe; nenhuma obscuridade, nenhuma subtilização excessiva tambem; uma exposição facil e pratica, ao alcance de todos. A anthologia, organizada com boa selecção, estimula habilmente os leitores a procurarem as obras completas da maioria dos escriptores que n'ella apparecem. Certo, nos capitulos que a precedem, alguns nomes — e dos mais notaveis — foram omitidos, sem duvida por um erro de classificação; como se comprehende, por exemplo, que se hajam esquecido os de Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e outros, que são alem de publicistas, genuinos e gloriosos homens de lettras?

Poder-se-hia notar tambem que o Sr. Valentim Magalhães, seguindo aliás uma opinião corrente, exagera talvez um pouco a influencia do Romantismo francez no nosso periodo de *indigenismo*; não vejo por que a *Iracema* havia de ser uma inspiração da *Atala* á qual é superior na cor local, rivalisando com ella nas formosuras do estylo e nos encantos da poesia; quanto a Gonsalves Dias parece-me absolutamente original, e o proprio Domingos de Magalhães, se em muitas das suas composições lyricas foi imitador de Lamartine, na *Confederação dos Tamoyos* tudo deveu ao seu proprio talento; affigura-se-me tambem injustiza chamar « monstrego » á celebre ode *Napoleão em Waterloo*...

Mas emfim, essas e outras são opiniões individuaes respeitaveis por que sincerase que não me cumpre examinar aqui. Resta-me augurar que seja proficuo o louvavel esforço do Sr. Valentim Magalhães. Portugal e o Brazil estão destinados a viver em estreita fraternidade litteraria; a independencia espirital da antiga colonia seguiu de perto a sua independencia politica; mas ficou de commum entre ella e a velha metropole a lingua, a nobre e harmoniosa lingua, e assim sendo, é natural que os pensamentos dos dois povos devam sempre communicar-se e identificar-se por vezes, e que toda a palavra genial proferida nas praias do Guanabara deve encontrar echo sympathico nas margens do Tejo.

M. A.





# A GRECIA CONTEMPORANEA

A PARTE continental da Grecia e as ilhas do archipelago estão povoadas de recantos deliciosos, — lindas cidadesinhas á beira de ruínas historicas junto de golphos d'um azul de turqueza: Livadia que durante o dominio dos turcos foi uma cidade bastante importante, é hoje uma vasta aldeola com pittorescos moinhos e algumas construcções modernas; Lamia quasi a paredes meias das Thermopylas, d'um aspecto turco muito pronunciado com as suas mesquitas e bazares; Lepanto com pesadas muralhas venezianas, no alto d'uma colina que domina a cidade, e em baixo o porto quasi circular, cheio de pequenas embarcações, que as vagas apenas balouçam ao de leve na serenidade da vasta toalha d'um azul desmaiado; Missolonghi tão heroica na guerra da independencia, onde existem dois tumulos celebres, o que encerra o coração de Lord Byron e o que contém os restos de Marcos Botzaris, pequena e encantadora Veneza grega, com uma laguna pouco profunda; Volo no vasto golpho onde passa todo o commercio da Thessalia, posição militar importantissima, d'aspecto aguerrido no Kastro, mas d'um tão poetico e amoroso enleio na encosta do Pelion, com as suas casinhas multicôres, vermelhas e amarellas, azues e verdes, cinzentas e côr de lirio, entre jardins turcos; Larissa, velha de trinta seculos, na colina admiravel do Peneo, cheia de mesquitas e de minaretes, com os seus bazares de judeus *spanuoli*, numerosos khans, jardins floridos, recanto maravilhoso do Oriente grego; Arta, junto ao golpho mais encantador da Grecia continental; e depois as cidades do Peloponeso, Corintho, celebre pelas passas e pelo isthmo, alem das scenas de toda a velha historia; Argos, a mais antiga das cidades gregas; a nova Sparta reconstruida sob as ruínas da antiga e heroica cidade, que encheu de gloria e d'epopeia a velha Grecia; Kalamata onde se encontram as ruínas da Acropole homericas; a Nova Castro, a que os francezes chamam Navarin e onde se deu o horrivel drama maritimo de 1828; Pyrgos toda construida em tijolo e toda cercada de limoeiros e d'oliveiras; Patras entre a Eto- lia e as ilhas jonicas, centro commercial de primeira ordem, a terra que primeiro soltou o grito da independencia grega; Chalcis no promontorio da Beocia, uma das mais lindas cidades insulares, com uma população cosmopolita, ruas estreitas e sujas; Syra, uma das cidades

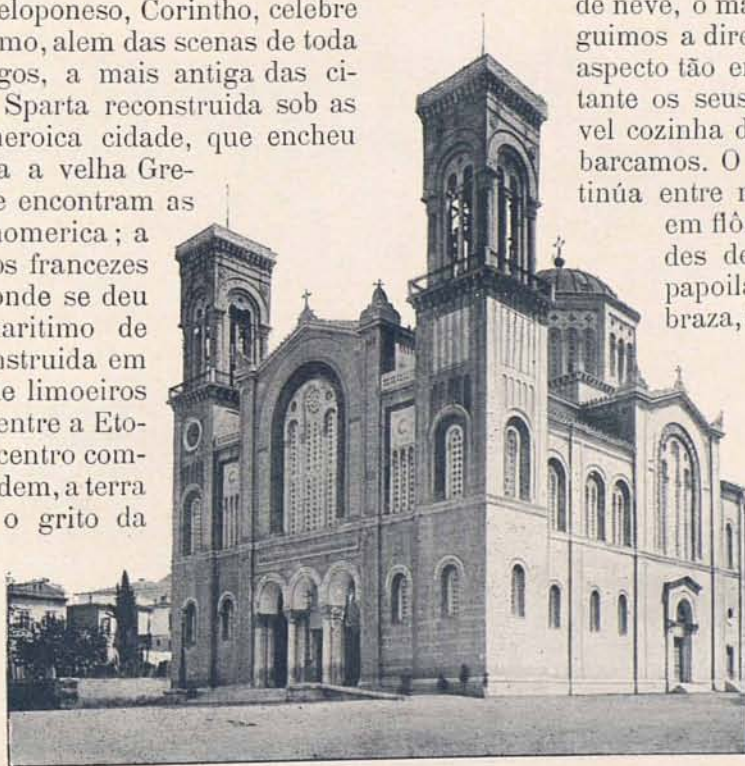
mais commerciantes do Archipelago, a parte velha com ruas em zig-zags, como nas cidades arabes e a parte nova sobre o caes, com bellas construcções modernas e um porto muito animado porque é ali um dos pontos obrigados das companhias de navegação do Lloyd austriaco e das Messagerias; e nas ilhas jonicas, Zanto, a flôr do Levante, patria dos poetas Ugo Foscolo e Salomos, com a sua curiosa rua, a *Platia Rouga*, com palacios venezianos da Renascença, cheios de antiguidades preciosas, uma cidade que recorda de perto o bairro velho de Napoles, mesmo pelos costumes dos habitantes, que cantam barcarolas alegres e amorosas com o tom dolente e ao mesmo tempo irrequieto dos napolitanos.

E outras cidades, e outras cem lindas povoações, plantadas no alto das montanhas, sementeas de ruínas ou dormindo ao sol da Attica nas collinas verdes cheias de laranjaes, d'arvores perfumadas e de jardins para poetas sonharem!

E um passeio ao Olympo, á colina sagrada onde se elevou durante seculos o templo de Jupiter e onde hoje os archeologos revolvem a terra em busca dos pedaços d'Alcameno ou Praxiteles!

Para ir d'Athenas ao antigo sanctuario dos deuses é preciso tomar o caminho de ferro de Corintho, atravessando Eleusis, a terra dos mysterios sagrados, até ao mar azul, que costeamos durante algumas horas. Da cidade das passas, no golpho maravilhoso, cercado á esquerda pela Achaia queimada do sol e á direita pelos Rochedos da Phocida, sobre os quaes domina a espaços corôado de neve, o magestoso Parnasso, seguimos a direcção de Patras, d'um aspecto tão encantador, — não obstante os seus mosquitos e a horrivel cozinha dos seus hoteis. Desembarcamos. O caminho de ferro continúa entre rochedos, romanzeiras em flôr, loureiros, cactos verdes de folhas ponteagudas, papoilas d'um vermelho em braza, trepadeiras rôxas e azu-

loias, malvas floridas, as oliveiras côr de zinco oxydado, limoeiros de folhas curvas, azinhaes, pastagens, vergeis espessos, embalsamando o ar, figueiras que se espreguiçam na afogada exalação do horizonte sem fim. E eis-nos no Olympo, ao pé de Pyrgos, ao lado do rio Alpheo,



Nova Cathedral em Athenas



Amilcare Cipriani.

rançoso. E toda uma população de palradores ignorantes, entusiasta e gloriosa...

Após a peregrinação ao Olympo — uma estação religiosa em Eleusis que fica a meio caminho da sagrada colina. Ruínas históricas por toda a parte e, aos nossos pés, a bahia azul onde ao longe se destaca, branca e verde, a ilha de Salamina. Na fértil planície, onde segundo a lenda Demeter ensinara a Triptolemo a arte de cultivar a terra, não vemos senão oliveiras e castanheiros e, aqui e além, os restos de templos, capitéis em pedaços, bases de monumentos decapitados, troncos d'estatuas, as migalhas da mais bella civilização das éras extintas!

Oh! mysterios de Dyonisios! Longas theorias de heroes e de virgens! Cortejos sagrados dos

junto á colina onde a Sociedade Archeologica d'Athenas procura as jóias da velha escultura, os restos dos templos de Zeus e de Hera, os fragmentos da Victoria de Pcenios, dos Apollos de mármore divino e as Venus da eterna belleza. A distancia, alguns Khanis do Peloponeso, esses cafés albaneszes de limonadas assucaradas, com um cheiro de azeite

deuses! O Grande Pan morreu e morreu para sempre na verde terra da Grecia. Extinguiram-se na Idade Media soturna os rythmós sonoros da impetuosa Belleza, os grandes triumphos da Carne e do Prazer. As apotheoses de seraphiãs e dos martyres apagoaram o resplendor das musculaturas, a expansão da natureza, o impeto da especie, o hausto da plastica adorada por toda uma raça de livres e de fortes...

Um dos velhos typos gregos mais curiosos é o palikaro. Conhecemol-o pelo quadro de Delacroix, o admiravel *Combat du Giaour et du Pacha*. Esse Klephta da edade heroica desapareceu quasi de todo diante do personagem moderno, vestido pelos modelos de Pariz e Londres. Ainda ha um ou outro pela provincia, restos d'extincta raça, mas são raros aquelles que passeiam atravez das cidades, de jaqueta bordada, fustanella de gala, sapatos vermelho e oiro, com a sua vestimenta meio-albaneza e um arsenal de pistolas e punhaes á cintura. No fundo pobres moços inoffensivos, mas inimigos de todo o trabalho manual, de tudo que elles consideram degradante para um homem livre.

A liberdade é para elles como o pão!

Como na Calabria, algumas montanhas da Grecia estão povoadas de ladrões, do classico salteador de chapéu desabado, longas barbas e clavina, como na Opera Comica e nos dramalhões românticos dos theatros populares. Mas o ladrão grego que sae ao meio da estrada a reclamar a bolsa do viajante é em geral um sentimentalista, que uma bôa phrase do velho repertorio hugoesco pôde desarmar.

O celebre revolucionario italiano, o nosso bom amigo Amilcare Cipriani que ainda ha pouco tão heroicamente se bateu nos campos da Thessalia



O Piræo.

contra as forças de Osmam-Pachá e que é um velho luctador da independencia grega, porque é já a terceira vez que expõe a sua vida pela liberdade d'esse povo, contou-nos ha tempos como em 1866, após a heroica campanha de Garibaldi no Tyrol, travára relações na Grecia com um dos mais celebres bandidos da montanha, um tal Kitzo, que tinha a cabeça a preço e que era o terror de todas as provincias do interior.

O revolucionario italiano atravessava uma estrada tortuosa, a pouca distancia d'Athenas, quando lhe sahiram á frente quatro ladrões mal encarados, de bacamarte e punhal, a reclamar a bolsa ou a vida, — como é d'uso e costume entre esses meliantes. Mas Cipriani, que não é homem para se assustar com tão pouco e que na Italia conhece- tra de perto outros audaciosos facinoras de reputação melodramatica e salteadores calabrezes de causar arrepios a todos os frequentadores do *Ambigu*, em vez de deitar a fugir, estendeu a mão aos quatro bandidos, tratou-os por amigos e pediu-lhes para ser apresentado ao capitão da quadrilha. Os ladrões capturados com tanta amabilidade levaram o companheiro de Garibaldi á caverna mysteriosa, onde se escondia o celebrado Kitzo.

— De que terra és tu? perguntou o chefe dos bandidos a Cipriani.



Lamia.

Um mez depois, Kitzo acompanhado de toda a quadrilha dos arredores de Laurium, que graças á influencia do filho do celebre patriota Kanaris obtivera salvo-conductos para se transportar do Pireo á Creta — batia-se heroicamente em Rettimo, nos arredores de Candia, em Gaidaro, em Santa Rumeli, e morria, como um bravo, no campo de batalha em Spakia, ao lado da legião gari-



A Nova Corintho.

— Sou italiano e vou para Creta combater ao lado dos que defendem a integridade da Grecia, que é uma segunda patria para todos os homens que, como eu, luctam pela liberdade dos povos.

— Bravo, meu amigo! respondeu o bandido, apertando nos braços esse grande latagão do nosso bom Amilcare.

baldina.

— E aqui está, meu amigo, dizia-me Cipriani — como na Grecia combatem e morrem os ladrões.

Este episodio, no emtanto bem authenticico da insurreição da Creta, não parece um trecho de romance-folhetim? Glorioso paiz onde até os bandidos são heroes d'epopeia!

Como muito bem o notou Eliseu Reclus, cada provincia grega tem o seu rio, o seu golpho, a sua cadeia de montanhas, o seu porto e por isso podem viver autonomas, com vida propria, como os estados de uma confederação. A monarchia centralisou-as, dando-lhes uma capital politica pouco natural, que é Athenas, quando o centro da vida industrial e commercial da Grecia é verdadeiramente Corintho, sobretudo após a abertura do isthmo.

Como foi grandiosa atravez dos seculos a missão d'essa terra sagrada de poetas e de deuses! Pelas ilhas do mar Egeo communicamos com a Asia Menor, como os phenicios e os egypcios nos transmittiram os restos das suas civilizações pelas ilhas jônicas e por Creta, a heroica!

A Grecia foi o vehiculo do progresso no papel d'assimilação das civilizações asiaticas e africanas, e todos os povos europeos lhe devem um reconhecimento eterno.

E hoje? hoje mesmo vencida a Grecia tem ainda um grande futuro diante de si, na grande federação futura dos povos balkanicos. O romantismo despertou o amor do hellenismo e após Champollion e Michelet, Byron e Victor Hugo, a alma do Occidente voltou-se em extasis para o berço do Espirito e para o sacrario da Belleza.

E a *grande idéa* encontra hoje tantos defensores entusiastas na França, na Inglaterra, na Allemanha e na Italia, como na propria Grecia.

A solução da questão do Oriente será para os hellenistas puros a restauração do imperio byzantino, menos o odioso despotismo. Os hellenos devem pactisar com os albanezes e com os rumelios, a conciliação entresonhada por Ali-Suavi. Mas o grande embaraço para a realisação d'um plano tão grandioso é o fanatismo religioso. O odio confessional aqui, como em muitos outros paizes, é a causa de desgraçadas e tristes divisões.

Pobre e heroica Grecia d'hoje!

O tratado de paz assignado ha dias que colloca esse pequeno paiz sob a tutela de todos os grandes estados europeos é o acto mais profundamente iniquo da diplomacia.

A *grande idéa* vae soffrer um atrazo de 10, de 20 ou de 30 annos talvez — emquanto não soar a hora da imminente justiça.

Eis a situação da Grecia d'hoje! Atada de pés e mãos por largos annos! O paiz dos legendarios heroismos não poderá receber de hoje em diante o imposto aduaneiro d'um barril d'azeite — senão por intervenção da Junta internacional, que tem nas suas mãos as finanças do paiz. A fronteira está á mercê das aguerridas tropas do Sultão. O thesouro exaustivo. E o desalento quebra os animos,



Chalcis.

que ainda ha pouco se exaltavam na febrè dos santos enthusiasmos.

Pois se até nem mesmo a bella, a preciosa, a divina Venus de Milo póde protestar, porque oh! desolação! nem braços tem para desancar a muros a judiaria cosmopolita, que transforma hoje a patria de Platão e de Phidias, de Socrates e de Aristoteles, d'Alexandre e de Pericles, de Eschylo e de Pindaro, de Sapho e de Anacreonte, de Pythagoras e de Lycurgo, esses filhos da Epopeia e da Gloria, n'uma republica d'Andorra em ponto grande com algumas ruinas immortaes, aqui e ali, para excitar a curiosidade das caravanas exoticas da agencia Cook.

XAVIER DE CARVALHO.



Larissa.

## A História de Joe

As seis photographias que hoje publicamos e que tiramos do ultimo numero do *Strand Magazine* são curiosas e authenticas.

Dão ellas a imagem de Joé, illustre e conhecido macaco hoje popularissimo em toda a extensão



dos Estados Unidos por onde o tem feito passear em triumpho um empresario habil e feliz que soube ensinar o macaco a ser gente e com isso tem tido a sorte de juntar muitas dezenas de milhares de dollares.

Joé é um orangotango das selvas da Malasia. Estas palavras malaias orang-utang, de que formámos orangotango, querem dizer : homem da matta. Não cabem mais, em rigor, a Joé porque, parece muito um homem mas sim um homem das cidades e, o que é mais, um homem celebre com o seu retrato e o seu nome nas revistas de ambos os mundos.

Ha muitos exemplos de macacos sabios e prestimosos. Ha uma lenda em Gôa que é a historia de um macáco e de um homem. O homem era um valdevinos dos que tanto abundavam nas colonias portuguezas nos tempos primitivos. Um aventureiro d'aquelles a quem S. Francisco Xavier docemente corregia : valente, dado ás mouças e ás bailadeiras, ao vinho do Reino, ás cartas e aos dados. Aquelle de quem fallamos abusava de tudo isto. Era um peccador em gráo superlativo, mas, no meio de todas as suas desordens, sempre, durante toda a sua vida, nunca adormeceu sem antes rezar a sua Ave-Maria, estremunhando de somno

e ás vezes entre pragas contra o azár do jogo e o máo sabor do vinho. Uma noite que, entre os palmares da velha Gôa, ao longo do Mondovi sussurrante, voltava para casa, no corredor da entrada, vio deitado no chão um vulto negro. Deu-lhe com a ponta da bóta. O vulto gemeo e o homem abaixando-se para o apalpar — sentio-o pelludo e sedoso : aproximou o facho resinoso que pelas ruas de Gôa levavam, á noite, os transeuntes e vio que o seu hospede era um grande macaco. Empurrou a porta e por ella entraram o homem e o macaco. Desabotoando o largo cinturão tirou as longas botas de camurça, persignou-se e titubeante junto á cama disse a sua Ave-Maria. Sem mais pensar no bruto atirou-se sobre o *gudrine* vermelho, colcha que recobre as camas na India.

No dia seguinte acordou e vio o quarto arranjado, as botas limpas sobre um estrado, o manto preto escovado e dependurado de um cabide, as esporas limpas, a espada reluzente, e o vasto chapeo de feltro cinzento com as plumas penteadas e pousado sobre um banco. Em pé, junto á porta estava o macaco. Era elle quem tinha varrido o assoalho, trazido agua fresca na bilha de louça. Achou graça o homem n'aquelle creado voluntario e singular, que ficou hospede permanente na casa. D'ahi em diante quando, ao amanhecer, voltava á casa vindo das bebedeiras e batotas dos tafues de Gôa, o homem encontrava junto á porta, o macaco brandindo um facho que

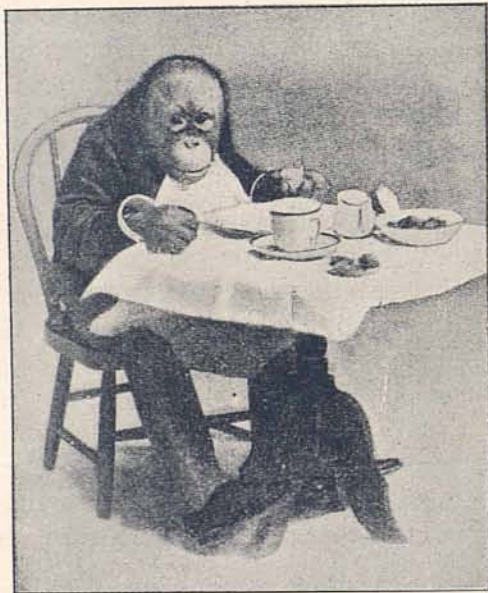


agitava, mostrando ao seu amo a soleira da porta onde vinha elle dar com os seus passos tropegos.

Assistia o macaco ao deitar do seu amo que sempre não faltava com a sua Ave Maria. Tornou-se o macaco a maravilha de toda Gôa. Nunca se vira escravo nem creado mais diligente, mais limpo, e sobretudo, mais calado. Mostravam-no aos estrangeiros e o seu dono ficou celebre como o homem do macaco.

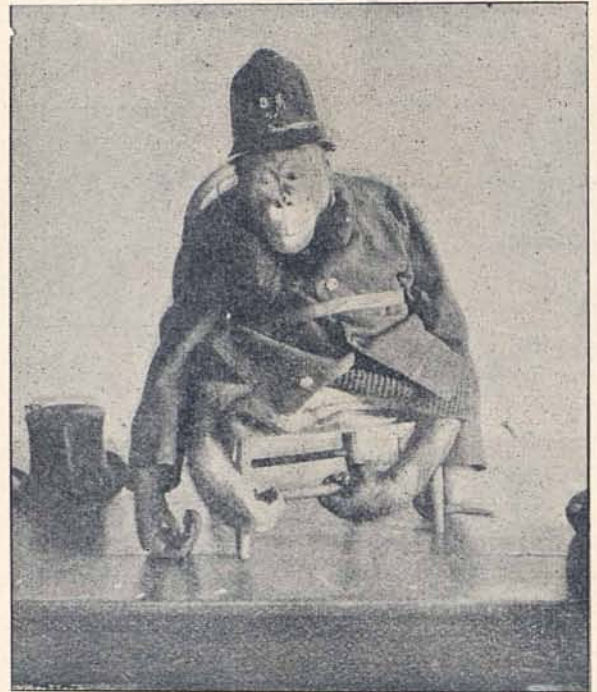
Era porem arcebispo de Gôa e inquisidor um frade dominicano agudo e fino, conhecedor de todos os embustes e artificios do Commum Inimigo de Deuse, da humana natureza. Aquelle macaco quasi humano e tão sabio, pareceo ao arcebispo um enviado, se não a pessoa mesma de Satanaz.

Uma manhã um familiar do Santo Officio, acompanhado de dous meirinhos e oito soldados, bateo com força e com a sua vara negra á porta do homem do macaco. Puxou este a traviela da

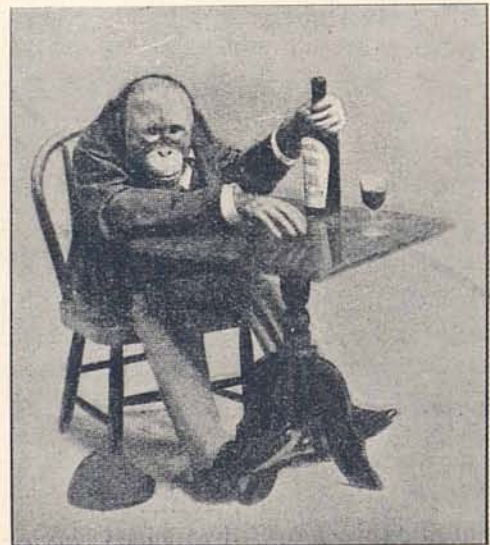


porta e achou-se em frente do grupo da gente da Inquisição. Um dos meirinhos leu ao macaco uma citação em boa fôrma canonica intimando-o com muito latim a comparecer perante o Santo Tribunal para ahi ser interrogado, exorcisado, atormentado em caso de rebeldia ou negativa e finalmente convencido de ser o demonio ou seu mandatario sendo condemnado e queimado. O macaco não deu resposta nem quiz assignar a contra-fê da citação. Este silencio e esta recusa foram tomados como provas evidentes de desprezo pela Igreja e o macaco amarrado foi levado para o claustro de São Domingos atado junto ao cruceiro e o Inquesidor de cruz alçada e acolytade, veio exorcisal-o. Ás primeiras palavras do ritual e ás primeiras gottas d'agua benta rompeu o bruto em berros e disse em bom latim que tudo contaria, e, sempre no mesmo bom latim, que o escrivão

ia passando para o papel, contou que, por permissão de Deus, viêra a Gôa para levar para o



interno o corpo e a alma d'aquelle grande peccador mas que, por intercessão da Virgem Santissima, esta punição ficára addiada até ao dia em que o dito peccador deixasse de rezar a sua costumada Ave-Maria. Seis annos esperára o macaco por esse olvido, mas o devoto da Virgem nunca esquecêra aquellas palavras de prece christã. Isto dizendo, o macaco cresceu, agigantou-se, e reben-tando com tremendo estampido sumio-se entre o



fumo deixando todos suffocados com o cheiro do enxofre.

O dono do macaco que fugira ao ver entrar-lhe em casa o Santo Officio foi agarrado para os lados de Bardez, e, depois de admoestado pelo arcebispo,

quando soube do milagre mudou de vida, entrou para um convento e morreu Santo.

Eis ahi uma historia de um macaco celebre e sabio no seculo XVII. Em nosso tempo Joé que passeia pelos Estados Unidos, virá decerto um dia d'estes á Europa, será entrevistado pelos jornalistas mas não será exorcisado nem terá de rebentar deitando cheiro de enxofre. O macaco-diabo foi substituido pelo gentleman macaco.

Conta-nos a *Strand Magazine* que o professor William Jones, da Universidade de Harvard deu uma recepção em honra de Joé. Foram convidados: um professor de bellas artes, um philosopho, um theologo e um professor de Moral. Retiraram-se todos encantados da amabilidade de Joé. Fez-se psychologia que, afinal de contas é a cousa mais facil que ha de fazer para sabios quer sejam homens quer sejam macacos. Verificou-se que Joé sabe perfeitamente ligar no seu espirito o acto de comprimir um botão ao som de uma campainha. Percebe a relação entre a causa e o effeito, tal qual como Aristoteles. Veste-se como todo mundo, almoça, bebe whiskey como qualquer senador Americano, escreve com uma calligraphia illegivel como a de qualquer poeta pretencioso, fuma o seu cachimbo como o Sr. Felix Faure e prova de que o militarismo é innato nos macacos como entre os homens prefere a todos os trages o uniforme de soldado de policia.

Se o mundo passasse a ser governado por macacos ninguem daria pela differença. Não exerceriam talvez o poder pelo systema parlamentar porque entre os macacos não ha oradores. Isto,

porem, não seria uma inferioridade. O silencio dos macacos não é menos de ouro do que o silencio de qualquer tribuno retirado da tribuna e cansado de trovejar. Ora o ouro é sempre o ouro.



Demais, no caso dos macacos, segundo a tradição africana, este silencio é um signal de esper-teza. O macaco não falla porque dizem os negros, se fallasse seria agarrado para escravo e obrigado a trabalhar.

READER.



E depois de tantos trabalhos e labores Joé dorme na paz dos anjos, sonhando com o capacete do policeman.

# NOTICIARIO ILLUSTRADO

## O principe Napoleão.

Um accidente de carro acaba de pôr em perigo a existencia do principe Napoleão, um dos pretendentes ao throno de França. O herdeiro dos Bonapartes que, exilado em Bruxellas, vive uma existencia tranquilla e retirada, fazia o seu habitual passeio matinal, conduzindo um pequeno *phaeton* quando percorrendo o boulevard do Regente, foi o seu carro de encontro a uma carroça de moveis cujas animaes tinham disparado. O *phaeton* todo em pedaços foi lançado contra a calçada e o principe e o seu creado atirados a grande distancia. Sua alteza conseguiu livrar-se milagrosamente d'essa catastrophe com alguns pequenos ferimentos de pouca gravidade.



O Principe Napoleão.

## O General Weiler.

Como salvador da situação e homem de toda a confiança do primeiro ministro Canovas, foi ha tres annos enviado a Cuba como chefe do exercito em operações e governador militar incumbido da pacificação da mesma ilha o general, Weiler conhecido pela sua energia e severidade nas diferentes commissões que antes exercera. — Encontrando uma grande resistencia por parte dos revoltosos, Weiler desenvolveu um plano de campanha decisivo e sem treguas conseguindo dominar a insurreição em muitas provincias que estavam completamente anarchisadas.

A intervenção americana fez-lhe uma terrivel guerra impedindo a realisação dos seus esforços e a ascensão do enr Sagasta, destituiu o



General Weiler.

illustre soldado do commando d'essa expedição para o bom successo da qual elle se dedicou sinceramente.

## O Bispo de Majorca.

O conflicto ultimamente levantado entre o bispo de Majorca, D. Jacintho Maria Cervera e o ultimo ministro das finanças do gabinete conservador hespanhol ainda não foi resolvido por Leão XIII, arbitro decisivo em ultima instancia.

Não obstante toda a influencia de que dispõe a cõrte hespanhola junto do Vaticano, é quasi certo que Sua Santidade dará ganho de causa ao mesmo prelado mantendo e reconhecendo os direitos da igreja sobre os bens que



D. Maria Cervera, Bispo de Majorca.

tenham sido penhorados por ordem do governo. D. Jacintho Cervera protestou energicamente contra esse acto do poder civil lançando a excomunhão contra o ministro que o ordenara.

## Caçadores Imperiaes.

A photographia que abaixo damos representa Guilherme II e Francisco José da Austria em trajes de caçador, no pavilhão imperial do dominio de Puersche, na Hungria.

Durante a ultima visita que o imperador allemão fez a esse paiz foi organizada em sua honra uma grande caçada nas florestas de Puerche, a qual durou nada menos de dous dias. A essa grande festa cynegetica compareceram todos os archidukes e archiduquezas acompanhados dos



Guilherme II e Francisco José.

generaes em chefe que tinham commandado as ultimas manobras. O *halali* da partida foi um dos mais bellos e selectos que uma reunião sportiva tem occasião de registrar. No primeiro plano os dous imperadores rodeados de quatorze principes da casa da Austria e seis archiduquezas vestidas das tão pittorescas jaquetas tyrolezas e amazonas vermelhas; na segunda linha um grande numero de officiaes superiores, seguidos do batalhão dos picadores conduzindo bellas matilhas de cães da mais pura raça. — A imprensa de Budapesth fez correr o boato que Guilherme II tinha sido atacado por um cervo ferido, mas tal noticia foi logo desmentida verificando-se que a victima de tal accidente era o conde Roberto Prusky, capitão do exercito austriaco.



### Uma Rainha Doutoura.

A universidade de Budapest acaba de conferir á rainha da Rumania o diploma de doutor em philosophia,



Carmen Sylvia, Rainha da Rumania.

acompanhado do titulo honorario de membra da congregação Universitaria. Essa illustre soberana, conhecida universalmente pelos seus trabalhos litterarios é um dos espiritos femininos mais eruditos e completos da Europa. Artista, poetisa e litterata, a rainha da Rumania apparece constantemente em publico, sob o elegante pseudonymo de *Carmen Sylvia*, nome pelo qual Sua Magestade é geralmente conhecida.

### O presidente Krüger do Transvaal

PAULO Krüger, famoso chefe dos Boërs e actual presidente da republica do Transvaal, tem de tal modo



O Presidente Krüger.

atrahido sobre seu nome a sympathia e a admiração do mundo, que não pôde ser destituida de interesse a pequena biographia que damos.

Neto de um allemão que se estabelecêra em Saeverberge, foi Krüger educado na lucta contra os selvagens das florestas, e as fêras que povoaram aquella região inculta. Aos nove annos, relata o heroe sul-africano, já tinha elle morto mais de um leão. A familia Krüger pertencia aos appellidados *Doppers*, que formava a parte do povo Boër mais fiel aos antigos habitos. Assim, quando da Hollanda foram importados livros de canticos, encerrando psalmos e hymnos, os *Doppers* tenazmente resistiram a essa innovação. Mais tarde fundaram uma seita, modelada, aliás, pela egreja separada da Hollanda.

O Transvaal, a mais rica região aurifera do mundo, tem despertado a cobiça de todo o universo. Seus thesouros naturaes explicam o movimento de crescente emigração para essa prospera republica, a que Krüger impõe uma marcha segura e pru-



M<sup>me</sup> Krüger.

dente. Com clareza tem elle, por mais de uma vez, exposto a sua politica, na qual não soffre nenhuma suggestão, inspirando-se apenas no seu patriotismo e no conhecimento profundo do seu paiz. No regimen interno da administração, exige elle as prerogativas dos Boërs como classe dominante; no exterior, o seu programma se synthetisa na exclusão da Inglaterra como tutora do Transvaal; e é com tenacidade e firmeza que elle tem posto em pratica essas idéas.

Desde que bateu com tão decisivo successo a invasão do Dr. Jameson, suffocando em seguida a revolução que, em germen, se mostrava ameaçadora em Johannesburgo, sua auctoridade tornou-se illimitada junto aos governos estrangeiros.

A despeito de suas glorias, Paulo Krüger conserva-se fiel aos antigos habitos, sendo, como Washington, ao qual pôde ser comparado, um homem simples e destituido de artificios. Reside, não em soberbo palacio como lhe permitiriam so seus



Voluntario Boër.

honorarios, porem em modesta casinha, em Pretoria, á porta da qual vê-se apenas uma sentinella, do unico corpo militar em serviço na republica, isto é, do corpo de artilheria. Não é raro, entretanto, que esse soldado se encarregue do serviço de porteiro; assim, si um estrangeiro deseja obter uma informação, dirige-se desembaraçadamente a sentinella aos aposentos de Krüger, e sem bater á porta, sem fazer, continencia militar, solicita a informação desejada.

O Presidente recebe os estrangeiros ás 6 horas da manhã; mais para quem não lhe é desconhecido, está tambem aberta a sua sala depois do meio dia. Uma creada interrompe então a conversa, trazendo café; e Krüger, com a sua habitual bonhomia, apresenta ao visitante a



Cavalleiro Boër.

bolça de fumo, porquanto presuppõe sempre que o seu interlocutor traz no bolso o curto cachimbo dos boërs.

Na conversação, sempre animada, Krüger revela invariavelmente a sua opinião, definida de modo claro e preciso.

Muito crente, escrupuloso respeitador dos preceitos religiosos, é o Presidente o mais velho dos representantes de sua seita, sendo-lhe n'essa qualidade conferido o direito de prégar.

Na igreja de Pretoria faz elle frequentes prédicas, nas quaes, expondo calorosamente a sua fé, revela conhecimentos profundos da Biblia. São, como facilmente se imagina, ouvidas com attento respeito, as prédicas do Presidente.

#### As banhistas de Newport.

O nosso noticiario tratou ultimamente da elegante cidade de New-



port, a praia de banhos mais a moda nos Estados Unidos.

As illustrações que acompanham este pequeno texto é a reprodução de photographias instantaneas das diferentes banhistas, pertencentes ás grandes familias dos conhecidos millionarios americanos. O aparelho do amator photographico que nada respeita, encontra toda a facilidade da parte dessas Miss possuidoras dos mais bellos dotes e que não fazem grandes difficuldades em deixar á historia um documento illustrado que dias depois passeia em constantes reproduções nos magazines americanos. É para esse fim e descontando de antemão a publicidade das re-

vistas que essas elegantes raparigas não se expoem ao frio das praias, senão revestidas dos mais completos e suggestivos costumes de banho não



dispensado sequer o collete que lhes garante a cintura fina e torneada que faz sensação. A estatística dos casamentos na America demonstra que mais da metade delles, são feitos nas cidades de aguas e com especialidade nos banhos de mar, sendo naturalmente esse trabalho official muito conhecido pelas interessadas.

Em Atlantic-City um respeitavel pae de familia processou um rapaz que lhe andava á photographar as filhas, quando as mesmas entravam ou sahiam do banho. O infallivel magistrado incumbido de julgar e decidir a questão deu ganho de causa ao photographo, fundamentando o seu despacho com o seguinte considerando: sendo o mar e as praias de banho logares inteiramente publicos, tudo quanto ali se passar, não indo de encontro ás leis e regulamentos municipaes e maritimos não pôde soffrer arbitrarie-



dades e imposições dos particulares. E lá foi para casa todo lampeiro e contente desenvolver os seus clichés, o photographo das moças bonitas, emquanto que o infeliz papae, por cumulo das desgraças, liquidava as despesas do processo.

#### Um deputado negro.

Os Estados-Unidos, que não admittiam até ao presente a intervenção da raça preta nos negocios politicos, prohibindo em muitos estados o direito de voto aos descendentes dos escravos, são forçados actualmente, a acceitar no congresso, como deputado, um unico representante d'essa mesma raça, eleito com todas as formalidades e exigencias da lei pelo estado da Carolina do Norte. Jorge II. White é o nome d'esse congressista de côr, unico e solitario representante dos oito milhões de pretos da America do Norte e que muito terá a fazer se quizer tratar no par-



Joger White, unico deputado negro nos Estados Unidos.

lamento dos direitos e garantias dos seus eleitores.

White é um homem de quarenta e cinco annos formado em direito pela Universidade de Howard, em Washington, e exercendo a advocacia em Tarbora na Carolina.

#### A ilha de Creta.

A assignatura do tratado de paz entre a Grecia e a Turquia, collocará a questão da autonomia da ilha de Creta em vespas de uma solução final. Os nossos leitores não ignoram que esta ilha, pertencente á Turquia e distante algumas horas da Grecia é habitada por uma população de duzentos mil christãos e cincoenta mil musulmanos, que vivem numa continua e desesperada lucta.

Os actos os mais barbaros, as vinganças as mais selvagens, são constantemente praticadas por essas duas raças possuidas de um odio feroz e



Insurgentes de Creta.

fanatico, não respeitando se quer as mulheres e as crianças. Revolucionarios eternos contra o jugo musulmano esse punhado de duzentos mil christãos preferirá o completo aniquilamento dos seus á continuação do dominio turco. A Europa, que não ignora as atrocidades que ali se praticam e o perigo constante que essa lucta trará para a paz no Oriente, resolveu intervir para lá mandando suas esquadras e procurando dar a esse povo a autonomia que elles tanto merecem. A ilha de Creta foi a causa principal da guerra turco-grega, motivada pela invasão do coronel Vassos que por ordem do rei Jorge tentou annexal-a á Grecia.

Com a assignatura da paz no Oriente traz ao primeiro plano a liquidação da autonomia de Creta.

A Turquia será forçada a entrar n'uma combinação qualquer com os governos europeos e a nomeação de um governador christão é um acto indispensavel para o começo da pacificação d'essa ilha. O Sultão parece manifestar uma certa resistencia a essa nomeação, que lhe arran-



A Cidade da Canéa.

cará uma bella porção do seo territorio, mas o accordo das nações europeas é sobre essa decisão completamente unanime.

O almirante Canevaro que na bahia da Canéa commanda em chefe as forças internacionaes; e com elle os almirantes russo, inglez, francez, austriaco e allemão, reclamam insistentemente pela retirada das tropas turcas da ilha e a urgente nomeação de um governador europeu.

A Turquia, deixando sempre de cumprir as suas promessas e outorgar as concessões prometidas não executou absolutamente essa vaga autonomia garantida pela convenção de Halepa que poz fim á ultima insurreição. A actual revolta de Creta, que já dura um anno, obterá pois, d'esta vez, a justa e digna liberdade pela qual esse pequeno povo tanto se tem sacrificado.

### Trinta kilometros em trinta minutos.

O Sr. Steven Davis, um dos sportsmen mais conhecido da cidade de Buffalo, realizou ultimamente uma aposta sensacional de cinco mil dollars (30 contos francos) como percorreria em Mail-Coach a distancia de trinta kilometros do Niagara a Buffalo em meia hora; isto é, um kilo-



O Mail-Coach do Sr. Davis.

metro por minuto. O Sr. Davis obrigava-se ainda a conduzir na sua carruagem dez amigos e os dous creados da equipagem. O mail-coach partido de Buffalo, praça da cathedral, ás dez horas da manhã tomou a larga avenida que d'essa cidade, conduz as magestosas cachoeiras do Niagara, e puxado por quatro valentes trotadores inglezes rolou pela estrada a fóra com uma velocidade de caminho de ferro, sendo necessario aos convidados e convidadas do Sr. Davis serem presos por uma larga correia evitando possiveis accidentes causados pelos solavancos repetidos.

Um grupo de bicyclistas montados em tandems precediam essa carruagem infernal abrindo-lhe caminho. As dez horas vinte e nove minutos e muitos segundos o Sr. Davis em frente á grande ponte que atravessa a cachoeira assignava o registro da chegada recebendo a quantia apostada

que foi logo posta em circulação liquidando um colossal almoço offerecido a uma multidão de amigos que o esperavam. Cada convidado d'esse banquete recebeu uma pequena medalha de ouro tendo gravado o retrato do campeão desse extraordinario record.

### A mudança de uma casa

Na America é, segundo as constantes e pittorescas narrações das *Revistas*,



um facto mui usual e repetido, a mudança das casas, quando por um qualquer motivo os proprietarios das mesmas não se sentem bem a vontade, nos logares primitivamente escolhido. As duas pequenas gravuras que junto damos, emprestadas a um magazine de S. Luiz, no Kentucky, conta-nos que o senhor X... não se sentindo bem no centro da cidade transportou a sua residencia para um dos mais bellos arrabaldes, effectuando essa viagem, a noute, por ordem da municipalidade que receou accidentes ou impedimento da circulação nas ruas pelas quaes devia transitar a moradia do mesmo senhor. Um grupo de empregades precedia o cortejo, desviando com enormes varas os fios telephonicos que impediam a passagem da enorme construcção que media quarenta metros de alto e



vinte e cinco de largo. É de crer que propriedade e proprietario achem-se admiravelmente bem, não mais necessitando uma outra viagem.

REPORTER.

# SPORT

No Athletic-Club de Denver (Colorado), o celebre professor Dr William Bedford realizou uma conferencia sobre os progressos e bons resultados obtidos com o tratamento progressivo de gymnastica de salão.

Esse discurso desprezencioso foi acompanhado de exemplos irrefutaveis de gymnastas de primeira ordem, exhibindo admiraveis musculos e uma bella construcção todos elles antigos doentes, que desanimados das tisanas e medicinas sem fim, appellaram como ultimo recurso para os exercicios do professor Bedford. Do mesmo modo que os incuraveis de todas as molestias procuram na agua milagrosamente fria de Kneipp, a salvação para os seus males e o prazer da saúde que embalde esperaram da sciencia dos especialistas. O tratamento do Dr

Guilherme Bedford é, como todos os tratamentos sem drogas nem medicos, o mais simples e racional que se possa imaginar. Póde e deve mais naturalmente ser considerado como uma obrigação higienica ao alcance de todos e que a mais elementar pratica garantirá a boa execução.

Desenvolvendo gradualmente os tecidos musculares da parte doente, acompanhando cada exercicio curto ou longo de uma fricção de alcool addicionado de algu-

mas gottas de essencia de therebentina produzindo uma reacção agradavel, descansando os musculos exercitados e evitando aos mesmos a prostração physica que é nociva a todo o trabalho corporal. Desde que o enfermo tenha forças sufficientes para um exercicio geral, o professor higienista emprega como unico e simples apparelho os tubos de borracha ligados em cada extremidade por um pegador. O paciente gradualmente accrescentará, dous, tres, quatro e mais tubos correspondendo ao desenvolvimento das suas forças. O tempo dos exercicios mesmo para as pessoas bastante fortes não deve ser de mais de um quarto de hora, acompanhado da fricção indicada e seguido de um repouso de um tempo igual ao exercicio. Duas vezes durante a manhã e uma á noite é o sufficiente para conservar um bello corpo, musculos de atleta, e um somno tranquillo e reparador. As indicações do professor americano se bem que tendo como base um exercicio vulgarmente conhecido, não deixam por isso de ser interessantes a todos os homens de sport em geral. A grande questão não é de applical-o em excesso, o que é mais prejudicial que salutar, mas sim methodisar rigorosamente o tempo do trabalho e do descanso. Nas escolas e universidades da Inglaterra e da America os rapazes são os primeiros a praticar uma tal hygiene apresentando como todos conhecem os mais bellos typos de vigor e robustez. Nos sanatorios e outros estabelecimentos de molestias nervosas é ainda a gymnastica de salão que concorre em grande parte para a cura dos neurasthenicos de toda a especie e com ella e a hydroterapia realisam-se hoje milhares de tratamentos simplificados e cujo bom resultado só depende da constancia e paciencia do doente. Não é pois nada a admirar que o professor Bedford tivesse conseguido fortificar enfermos com o processo que aconselha. Elle é por si bastante conhecido e só exige da parte dos que a elle recorrem um uso regular e duradouro. As illustrações que ornarn estas duas paginas são mais claras e convincentes que o nosso texto. Ellas representam um d'esses bellos especimens da construcção humana, livre das pequenas miserias da existencia tão peculiar aos organismos rachiticos e mal tratados.



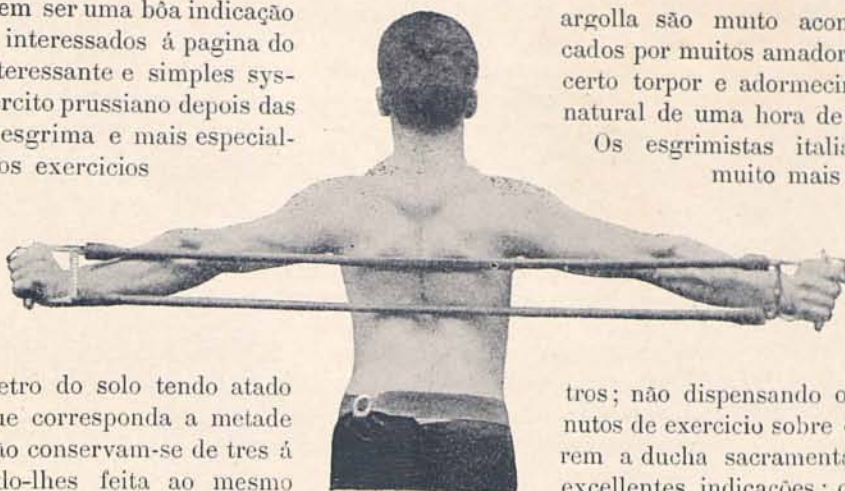
Acreditamos tambem ser uma bõa indicação aos nossos leitores interessados á pagina do sport em geral o interessante e simples systema adoptado no exercito prussiano depois das grandes sessões de esgrima e mais especialmente após os longos exercicios

de velocipede. Os byciclistas e esgrimistas dependuram-se a uma argolla conservando o corpo naturalmente

suspensio a meio metro do solo tendo atado aos pés um peso que corresponda a metade do seu. N'essa posição conservam-se de tres á cinco minutos sendo-lhes feita ao mesmo tempo uma forte fricção com uma toalha humida especialmente nas pernas e braços. A circulação do sangue produz-se fortemente em todo o corpo fazendo desaparecer as caimbras e o endormecimento muscular causado pela posição forçada do corpo durante o exercicio. É esse um simples e pratico proceder que muito ajudará, estamos certos, aos profissionaes e amadores do velocipede.

Em uma das ultimas grandes corridas, realizadas n'esta cidade no velodromo do Parc des Princes, um dos *entraîneurs* do grande Huret sentio-se em um momento dado completamente paralyzado, cahindo redondamente da sua machina.

Levado a braços á enfermaria do velodromo, ficou o mesmo rapaz por muito tempo incapaz de qualquer movimento com as pernas, independente das continuas massagens et fricções que lhe administravam. Um byciclista allemão que lá se achava, casualmente aconselhou então aos enfermeiros que procuravam reanimar os musculos do *entraîneur* que experimentassem o tratamento adoptado nos quartéis prussianos, o que os mesmos tentaram tendo no fim de alguns minutos, conseguido fazer desaparecer a forte caimbra que impedia os movimentos. Nas salas d'armas os exercicios gymnasticos sobre a



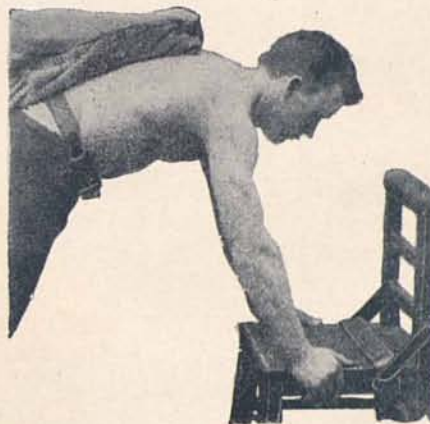
argolla são muito aconselhados, e praticados por muitos amadores, para sacudir um certo torpor e adormecimento, consequencia natural de uma hora de esgrima.

Os esgrimistas italianos cuja escola é muito mais movimentada que a

franceza, têm nas suas salas de exercicio *parallelas* que parafusadas ao forro descem a uma altura de dous metros;

não dispensando os mesmos cinco minutos de exercicio sobre ellas antes de tomarem a ducha sacramental. São, na verdade, excellentes indicações; e a practica tem demonstrado que todo o exercicio parcial, que

põem em demasiada contribuição, determinadas partes do corpo, quer seja a byciclete quer seja a esgrima,



pedem para restabelecimento normal um exercicio geral pondo em movimento as outras partes, cujo descanso completo é prejudicial ao organismo.

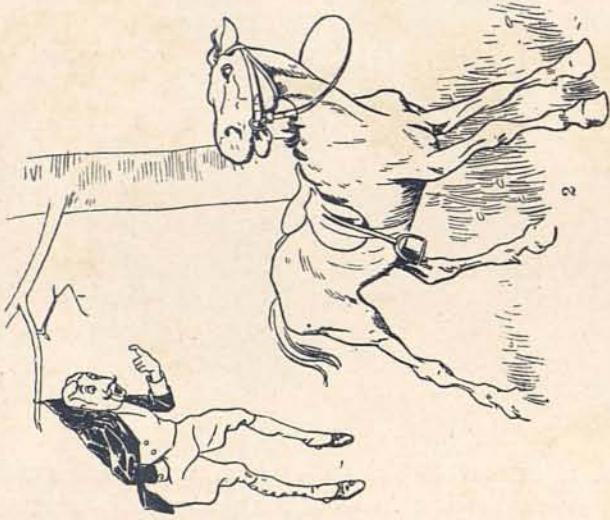
## UM PRIMEIRO PREMIO DE NATAÇÃO

A interessante gravura que figura ao lado d'estas linhas é a de uma pequena criança de seis annos, muitas vezes premiada pela sua coragem e destreza na arte de nadar. É uma pecurrucha peralta, correndo livremente pelas praias, no verão, sem maior petenção ao reclamo e ás exhibições. Ethel Bird é o nome d'essa extraordinaria menina, filha de um alfaiate de Brooklin e que por diversas vezes tem atravessado á nado o largo rio que separa essa cidade da de New-York. A sua ultima travessia realizou-se no mez de Agosto por occasião de lhe ser conferida a medalha de ouro pelo Club de Natação de New-York.



A pequena Ethel toda contente com essa grande festa; vestida do seu roupão de calças largas e cumpridas atirou-se alegremente á agua, seguida por um grande cortejo de nadadores que a acompanhavam a dez metros de distancia. A familia e muitos amigos embarcadas em pequenas lanchas tomaram parte na festa organizada em honra de M<sup>l</sup>o Bird. Todos fixavam com attenção o pequeno ponto negro sempre avançando em direcção á outra margem, que não era mais que a cabecinha da nadadora voltando de tempos a tempos para sorrir aos seus amigos que a acclamavam. A travessia durou quarenta e cinco minutos e durante esse tempo a pequena Ethel, que conhece todos os segredos da natação, descansou quatro vezes, ficando alguns momentos immovel a boiar na superficie das aguas.

S. MARCELLO.



O ABSALAO MODERNO

Paris. — Imp. PAUL DUPONT, 4, rue du Bouloi (Cl.) 590.10.97.

55, RUE D'EPERNAY, 55  
BRUXELLAS

# LEUSSEU FILS & C<sup>o</sup>

55, RUE D'EPERNAY, 55  
BRUXELLAS

Fabrica em Namur  
Belgica

*Fabricantes de Armas de Precisão*

ESTABELECIDOS EM 1874

Fabrica em Namur  
Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça; carabinas de tres canos, systema Leusseau — Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explorações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

MEDALHA DE OURO  
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO  
DE FRANCFORT

# LUDWIG LEONHARDI

MEDALHA DE OURO  
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO  
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAËS DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes  
São-Bernardos

Dogues de Ulm

Carlindogues

Dachshund

ou

Basset



Dinamarquezes

Escuros

e Dinamarquezes

pintados

(1<sup>o</sup> premio)

Caës pastores

Wolf-Spitz

e

Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes  
Para todas as indicações dirigir-se ao escriptorio da « Revista Moderna »

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

# MABY & C<sup>o</sup>

Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

*Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições*

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA  
38, Rue du Quai

# MABY & C<sup>o</sup>

ANTUERPIA  
38, Rue du Quai

# *A Revista Moderna*

dará um numero especial

DE

**NATAL e ANNO BOM** com **QUARENTA PAGINAS** de texto  
e ilustrações coloridas

“ **A REVISTA MODERNA** ” pede a todos os seus leitores de *Portugal* e do *Brazil* documentos illustrados nitidos dos logares mais pittorescos e dos mais bellos monumentos e residencias particulares d'esses dous paizes, compromettendo - se a fazer em tempo a reproducção dos mesmos.

Rogamos tambem aos nossos assignantes que, por um desvio do correio, não recebam a *Revista*, a reclamem aos nossos agentes nos respectivos Estados.

## *Almanak Moderno*

Por todo o mez de **Dezembro** será exposto a venda em *Portugal* e no *Brazil* esta interessantissima e artistica publicação edictada pela *Revista Moderna*.

“ **O ALMANAK MODERNO** ” formará um livro de trezentas paginas, nitidamente impresso em excellente papel e com duzentas gravuras de actualidade, arte, viagens, retratos de celebridades, etc., etc.

“ **O ALMANAK MODERNO** ” será enviado gratuitamente aos assignantes da *Revista*.



# MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

|  |      |      |
|--|------|------|
| CLÉRICE (J.). Ségovie, Dansa hespanhola . . . . .                | LIQ. | 1 70 |
| CAMILLE ERLANGER, Serenata carnavalesca. . . . .                 | 2    |      |
| GALLÉOTTI (C.). Valsa melancolica . . . . .                      | 1 70 |      |
| GUIRAUD e SAINT-SAENS. FREDEGONDE, Aria do bailado nº 1. . . . . | 1    |      |
| HAAKMAN (G.). Pendant le bal, Intermezzo-valsas. . . . .         | 1 70 |      |
| LACOME (P.). Berceuse . . . . .                                  | 1 35 |      |
| MARÉCHAL (H.). Desdemona adormecida . . . . .                    | 1 35 |      |
| MULDER (J.). Napolitano, Tarantella . . . . .                    | 1 70 |      |
| PESSARD (E.). Les Guêpes, Aria do bailado . . . . .              | 2    |      |
| — La Tzigane, Mazurka . . . . .                                  | 2    |      |
| PFEIFFER(G.). Chœur des fileuses de KERMARIA . . . . .           | 1 70 |      |
| — Musette et biniou . . . . .                                    | 1 35 |      |
| SALVAYRE (G.). Albanaise, Dansa. . . . .                         | 2    |      |
| SOMA (J.-B.). La Fiesta de los niños, Bolero . . . . .           | 1 35 |      |
| WITTMANN (G.). Marche du Figaro . . . . .                        | 1 70 |      |

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

REDACÇÃO  
19, Boul.  
Moytmartre  
PARIZ

Do meio dia  
às 4 horas.

ASSIGNATURA  
de um appo

França . . . 20 fr.  
Estrangeiro . 22 fr.

LE BRÉSIL



ADMINISTRAÇÃO  
19, Boul.  
Moytmartre  
PARIZ

Do meio dia  
às 4 horas.

ASSIGNATURA  
de um appo

França . . . 20 fr.  
Estrangeiro . 22 fr.

## LE BRÉSIL

17 ANOS DE EXISTENCIA

Numero avulso : 50 centimos.

LE BRÉSIL acha-se á venda, em Pariz, nos kiosques de jornaes, em frente ao Grand-Hôtel.

### MESSAGERIES MARITIMES

Paquetes Postaes rapidos

FAZENDO SERVIÇO REGULAR

ENTRE A FRANÇA, PORTUGAL  
E BRAZIL



### MESSAGERIES MARITIMES

Duas partidas por mez

PARA LISBOA E RIO DE JANEIRO

PARA PASSAGENS E INFORMAÇÕES

1, Rue Vignon, PARIS

## CASA AMME ARMAND

SUCCESSOR

6, rue de la Chaussée-d'Antip. 6

PARIS

VESTIDOS E MANTOS

PELLES

ARTIGOS DE FANTASIA

PARA SENHORAS

ENXOVÁES

ROUPA BRANCA



Esta casa é principalmente conhecida por vender artigos de muito gosto e por possuir como freguezia a alta sociedade hespanhola e americana



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

Le Gérant : E. LANCHE

# MAPLE & C<sup>IA</sup>

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

Com o capital de dois milhões e quinhentas mil libras

Executa-se com a maxima promptidão todas as ordens recebidas

TOTTENHAM COURT ROAD  
Londres

CASA FILIAL EM PARIS, RUE BOUDREAU



Poltrona modelo SHAFTESEURY rica e confortavel em marroquin, para bibliothecas Clubs, e salas, de jantar.

## MAPLE & C<sup>IA</sup>

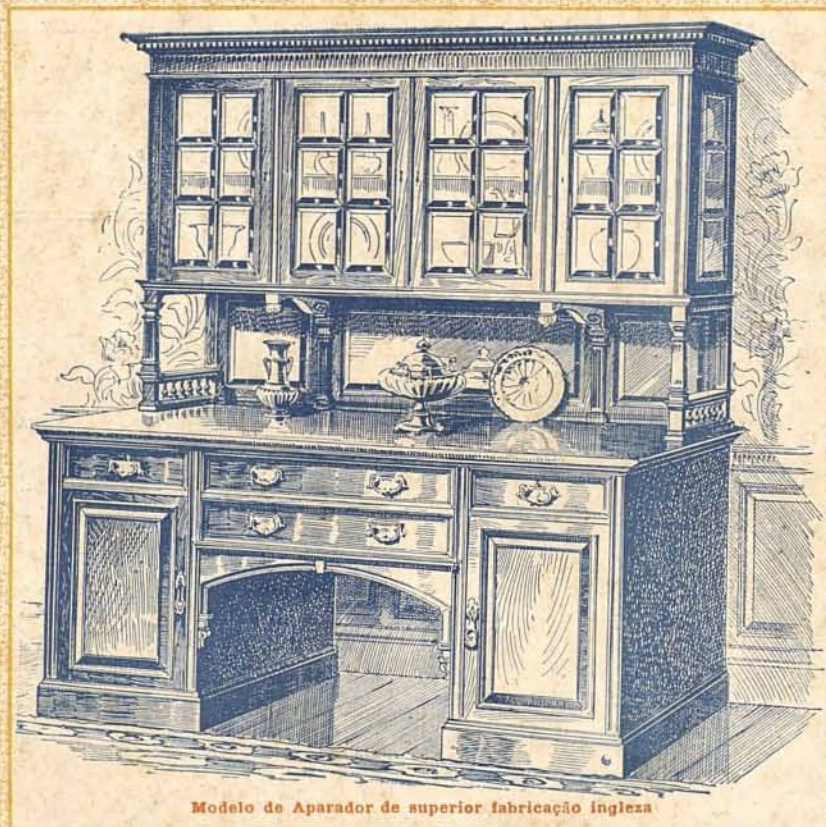
A CASA FILIAL DE PARIS

Acha-se situada na rua Boudreau  
Perto da Opera, no centro de Paris

Exposição permanente de grande quantidade de moveis inglezes, todos de primeira ordem e fabricados por

### MAPLE & C<sup>IA</sup>

O gerente e pessoal da casa de Paris, terão o maior prazer em fazer visitar esta exposição, dando aos interessados todas as informações necessarias quanto à compra e expedição dos moveis que se acham em deposito.



Modelo de Aparador de superior fabricação inglesa

## MAPLE & C<sup>IA</sup>

Rua Boudreau  
PARIS

EXPOSIÇÃO DE PRIMEIRA ORDEM

Mobílias inglezas  
Aparadores  
Estantes  
Quartos de dormir  
Gabinetes de Trabalho  
Mesas diversas  
Poltronas  
Sophas  
Camas — Cortinas  
Tapetes

PRIMEIRA QUALIDADE  
Preços reduzidos

### POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo PANSHANGER rica e confortavel, em marroquin, para salas de jantar, bibliothecas e Clubs.

### MAPLE & C<sup>IA</sup>

Paris  
Poltronas  
Gadeiras  
de  
Escritorio  
Conversadeiras  
Chaises-longues  
celebres  
em  
todo o Mundo

### MAPLE & C<sup>IA</sup>

### POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo WELLESLEY commoda, superior e confortavel, propria para salas de jantar, bibliothecas e clubs.